

PARDES RIMMONIM

POMAR DE ROMÃS

TEXTO COMPLETO



MOSES CORDOVERO

ELIZEU A.SOUZA

PARDES RIMMONIM

(Pomar de Romãs)

Moisés Cordovero
Moisés ben Jacob Cordovero

Tradução para o inglês
Elizeu Antonio de Souza



Biblioteca Panteão Digital
1ª Edição
Brasil, São Paulo
Outubro de 2024

ISBN: 978-65-981506-7-9

Introdução do tradutor.

O *Pardes Rimonim* (O Pomar das Romãs), escrito pelo Rabino Moshe Cordovero no século XVI, é uma das obras mais importantes da Cabala, um ramo esotérico do judaísmo que busca desvendar os segredos ocultos do universo e de Deus. Cordovero foi um dos maiores cabalistas de sua geração, e seus escritos representam um marco na organização e sistematização dos ensinamentos cabalísticos. *Pardes Rimonim* explora a natureza das sefirot (os 10 atributos divinos), a criação do universo e as relações místicas entre o Divino e o mundo material.

Este livro é uma obra-prima de introspecção espiritual e misticismo, fundamentada em uma profunda sabedoria judaica. Seu valor para o mundo cabalístico é incomparável, pois sistematiza e organiza os ensinamentos de gerações de cabalistas que o precederam. Ao longo dos anos, *Pardes Rimonim* tem sido amplamente estudado por estudantes sérios de Cabala, e é um texto essencial para qualquer pessoa interessada em entender a profundidade dos mistérios espirituais que moldam a tradição esotérica do judaísmo.

Pontos fortes do trabalho

Sistematização do Pensamento Cabalístico : Cordovero organiza as tradições esotéricas da Cabala em um sistema coeso, tornando os conceitos místicos mais acessíveis aos estudiosos. Sua apresentação das sefirot e outros conceitos fundamentais fornece uma estrutura que facilita o estudo aprofundado.

Linguagem Metafórica Rica : A obra é conhecida pela riqueza de suas metáforas e simbolismos, que criam uma ponte entre o espiritual e o material. As analogias e imagens poéticas empregadas por Cordovero permitem ao leitor explorar ideias cabalísticas em múltiplos níveis de significado.

Relevância Atemporal : Embora escrito no século XVI, o *Pardes Rimonim* continua sendo uma fonte de inspiração para estudantes e místicos até hoje. Sua abordagem aos conceitos de unidade, emanção e criação continua a influenciar o pensamento espiritual contemporâneo.

O Valor do Sefer no Mundo Cabalístico

Pardes Rimonim se destaca como um texto central na tradição da Cabala Luriânica e em todo o movimento cabalístico de Safed. Ele sintetiza os ensinamentos de figuras como o Rabino Shimon bar Yochai , o autor do Zohar , e outros textos fundamentais do misticismo judaico. O livro oferece uma exploração detalhada dos conceitos de emanção divina , criatividade cósmica e conexão espiritual entre o humano e o divino, servindo como um guia indispensável para qualquer buscador sério de conhecimento esotérico.

Este texto é mais do que um tratado intelectual; é uma jornada espiritual. A Cabala é conhecida por ser uma disciplina oculta e frequentemente de difícil acesso, mas Cordovero abre suas portas por meio de raciocínio metódico e claro, permitindo ao leitor explorar os segredos de Deus e da Criação de forma estruturada e inspiradora.

Tradução: Propósito e Qualidade

A tradução em inglês de *Pardes Rimoni* visa tornar esta obra mística acessível a um público mais amplo, especialmente aqueles que não são fluentes em hebraico, mas que desejam se aprofundar nos mistérios profundos da Cabala. A tradução, ao preservar a estrutura original, garante que o leitor tenha uma experiência o mais próxima possível do texto hebraico.

Pontos Positivos da Tradução:

Fidelidade ao texto original : A tradução respeita a organização das portas e capítulos, mantendo a sequência de pensamentos e ideias conforme foram apresentados por Cordovero.

Clareza de conceitos : conceitos cabalísticos essenciais, como as sefirot , são explicados de maneira compreensível, tornando a obra acessível a um público mais amplo sem sacrificar sua profundidade espiritual.

Acessibilidade para estudantes modernos : A tradução torna *Pardes Rimoni* mais acessível aos estudantes e místicos contemporâneos, fornecendo um valioso ponto de entrada no estudo da Cabala.

Pontos a melhorar na tradução:

Perda de Nuances Místicas : Como em qualquer tradução, certas nuances do hebraico original, particularmente com relação a termos esotéricos, podem não ser completamente capturadas em português. O profundo significado espiritual de algumas palavras cabalísticas é difícil de traduzir exatamente.

Falta de Notas Explicativas : Embora a tradução seja clara, não acrescentamos notas, faremos isso em um novo trabalho, voltado para esse objetivo, que atenda adequadamente a demanda de todo o material traduzido.

Propósito da tradução

O principal objetivo da tradução é democratizar o acesso a um dos textos mais influentes da Cabala. Embora o estudo do hebraico seja recomendado para uma compreensão mais profunda, esta tradução fornece uma base sólida para estudantes sérios que buscam explorar o misticismo judaico sem o obstáculo da linguagem. Ela permite que o leitor não apenas entenda os conceitos básicos da Cabala, mas também experimente a profundidade espiritual que Cordovero infundiu em sua obra.

O *Pardes Rimoni* é uma obra monumental no campo da Cabala e continua essencial para aqueles que buscam entender os mistérios do universo e da alma através de uma lente espiritual. A tradução em inglês oferece um caminho acessível para aqueles que desejam se aprofundar nesses ensinamentos sem conhecimento prévio de hebraico.

Embora algumas nuances esotéricas possam se perder na tradução, o valor desta versão é inestimável para aqueles que querem uma introdução séria e estruturada à Cabala. Esta tradução oferece ao leitor um guia valioso para o estudo espiritual, mantendo a integridade e a complexidade do texto original.

Elizeu Antonio de Souza
Araçatuba 01/10/2024

Dedicação

Ao meu amado filho, Benjamin A.C Moreira,

Que este livro seja uma luz que guie seus passos pela vida, trazendo sabedoria, entendimento e força. Que ele o leve em uma jornada de aprendizado profundo e conexão com os mistérios que moldam nosso mundo. Assim como Moshe Cordovero nos ensina, que você possa ver além das aparências, explorando os segredos da criação e as maravilhas ocultas da alma.

Desejo que sua educação seja cheia de descobertas enriquecedoras e que seu caminho seja sempre iluminado pela verdade. Que sua saúde e bem-estar sejam sempre fortalecidos pela sabedoria que emana das palavras da Torá e dos segredos cabalísticos.

Como está escrito nos ensinamentos de Cordovero:

"Este é o acampamento de Deus. A geração daqueles que O buscam se alegrará em Suas obras, como uma dança de duas companhias. Nossos olhos viram e ficaram maravilhados [com esses ensinamentos] surgindo da terra para plantar os céus. Como o sol nasce ao meio-dia, uma luz brilhante está sobre eles. A abertura de suas palavras dá luz e brilha em uma visão divina para aqueles que são santificados no tesouro dos segredos da Torá, que é organizado e guardado das covas dos leões, das montanhas dos leopardos [e] coberto com safiras."

Que esta bênção acompanhe todos os seus dias e que você se alegre nas obras do Criador, encontrando alegria e significado na dança eterna da vida.

Com todo meu amor e esperança para o seu futuro,

Elizeu A. Souza

Resumo

Introdução do tradutor.....	5
Dedicação	9
Prefácio do Autor.....	21
Introdução.....	23
Portão 1	25
Capítulo 1.....	25
Capítulo 2.....	26
Capítulo 3.....	28
Capítulo 4.....	30
Capítulo 5.....	32
Capítulo 6.....	34
Capítulo 7.....	36
Capítulo 8.....	39
Capítulo 9.....	40
Capítulo 10.....	42
Portão 2	44
Capítulo 1.....	44
Capítulo 2.....	46
Capítulo 3.....	49
Capítulo 4.....	52
Capítulo 5.....	55
Capítulo 6.....	57
Capítulo 7.....	60
Portão 3	63
Capítulo 1.....	63
Capítulo 2.....	64
Capítulo 3.....	66
Capítulo 4.....	69
Capítulo 5.....	72
Capítulo 6.....	74
Capítulo 7.....	76
Capítulo 8.....	79
Portão 4	81
Capítulo 1.....	81
Capítulo 2.....	83
Capítulo 3.....	85

Capítulo 4.....	88
Capítulo 5.....	90
Capítulo 6.....	92
Capítulo 7.....	95
Capítulo 8.....	97
Capítulo 9.....	99
Capítulo 10.....	103
Portão 5	105
Capítulo I	105
Capítulo 2.....	107
Capítulo 3.....	109
Capítulo 4.....	110
Capítulo 5.....	112
Capítulo 6.....	114
Portão 6	116
Capítulo 1	116
Capítulo 2.....	119
Capítulo 3.....	122
Capítulo 4.....	124
Capítulo 5.....	124
Capítulo 6.....	126
Capítulo 7.....	126
Capítulo 8.....	129
Portão 7	131
Capítulo 1.....	131
Capítulo 2.....	133
Capítulo 3.....	135
Capítulo 4.....	137
Capítulo 5.....	139
Portão 8	143
Capítulo 1	143
Capítulo 2.....	144
Capítulo 3.....	146
Capítulo 4.....	148
Capítulo 5.....	150
Capítulo 6.....	152
Capítulo 7.....	154
Capítulo 8.....	156

Capítulo 9.....	158
Capítulo 10.....	160
Capítulo 11.....	161
Capítulo 12.....	163
Capítulo 13.....	165
Capítulo 14.....	168
Capítulo 15.....	170
Capítulo 16.....	172
Capítulo 17.....	175
Capítulo 18.....	177
Capítulo 19.....	179
Capítulo 20.....	181
Capítulo 21.....	182
Capítulo 22.....	184
Capítulo 23.....	186
Capítulo 24.....	189
Capítulo 25.....	191
Capítulo 26.....	194
Portão 9	196
Capítulo 1.....	196
Capítulo 2.....	197
Capítulo 3.....	199
Capítulo 4.....	201
Capítulo 5.....	203
Capítulo 6.....	204
Portão 10.....	206
Capítulo 1.....	206
Capítulo 2.....	208
Capítulo 3.....	210
Capítulo 4.....	212
Capítulo 5.....	214
Portão 11.....	216
Capítulo 1.....	216
Capítulo 2.....	218
Capítulo 3.....	220
Capítulo 4.....	222
Capítulo 5.....	224
Capítulo 6.....	226

Capítulo 7.....	229
Portão 12.....	232
Capítulo 1.....	232
Capítulo 2.....	234
Capítulo 3.....	236
Capítulo 4.....	238
Capítulo 5.....	240
Capítulo 6.....	242
Portão 13.....	244
Capítulo 1.....	244
Capítulo 2.....	246
Capítulo 3.....	248
Capítulo 4.....	250
Capítulo 5.....	252
Capítulo 6.....	254
Capítulo 7.....	255
Portão 14.....	257
Capítulo 1.....	257
Capítulo 2.....	260
Capítulo 3.....	262
Capítulo 4.....	264
Portão 15.....	267
Capítulo 1.....	267
Capítulo 2.....	269
Capítulo 3.....	271
Capítulo 4.....	274
Capítulo 5.....	276
Portão 16.....	278
Capítulo 1.....	278
Capítulo 2.....	280
Capítulo 3.....	281
Capítulo 4.....	283
Capítulo 5.....	286
Capítulo 6.....	289
Capítulo 7.....	291
Capítulo 8.....	293
Capítulo 9.....	295
Portão 17.....	297

Capítulo 1.....	297
Capítulo 2.....	300
Capítulo 3.....	301
Capítulo 4.....	304
Portão 18.....	306
Capítulo 1.....	306
Capítulo 2.....	308
Capítulo 3.....	310
Capítulo 4.....	313
Capítulo 5.....	315
Capítulo 6.....	319
Portão 19.....	322
Capítulo 1.....	322
Capítulo 2.....	324
Capítulo 3.....	326
Capítulo 4.....	329
Portão 20.....	330
Capítulo 1.....	330
Capítulo 2.....	332
Capítulo 3.....	333
Capítulo 4.....	335
Capítulo 5.....	337
Capítulo 6.....	339
Capítulo 7.....	341
Capítulo 8.....	342
Capítulo 9.....	344
Capítulo 10.....	345
Capítulo 11.....	347
Capítulo 12.....	349
Capítulo 13.....	351
Portão 21.....	353
Capítulo 1.....	353
Capítulo 2.....	357
Capítulo 3.....	361
Capítulo 4.....	365
Capítulo 5.....	367
Capítulo 6.....	370
Capítulo 7.....	373

Capítulo 8.....	374
Capítulo 9.....	376
Capítulo 10.....	379
Capítulo 11.....	381
Capítulo 12.....	382
Capítulo 13.....	385
Capítulo 14.....	387
Capítulo 15.....	389
Capítulo 16.....	391
Portão 22.....	394
Capítulo 1.....	394
Capítulo 2.....	396
Capítulo 3.....	398
Capítulo 4.....	401
Portão 23.....	403
Capítulo 1.....	403
Capítulo 2.....	419
Capítulo 3.....	423
Capítulo 4.....	428
Capítulo 5.....	434
Capítulo 6.....	437
Capítulo 7.....	441
Capítulo 8.....	443
Capítulo 9.....	445
Capítulo 10.....	446
Capítulo 11.....	458
Capítulo 12.....	459
Capítulo 13.....	461
Capítulo 14.....	463
Capítulo 15.....	466
Capítulo 16.....	468
Capítulo 17.....	469
Capítulo 18.....	471
Capítulo 19.....	473
Capítulo 20.....	474
Capítulo 21.....	476
Capítulo 22.....	479
Portão 24.....	481

Capítulo 1.....	481
Capítulo 2.....	484
Capítulo 3.....	490
Capítulo 4.....	493
Capítulo 5.....	495
Capítulo 6.....	497
Capítulo 7.....	498
Capítulo 8.....	500
Capítulo 9.....	503
Capítulo 10.....	505
Capítulo 11.....	507
Capítulo 12.....	510
Capítulo 13.....	513
Capítulo 14.....	515
Capítulo 15.....	516
Portão 25.....	518
Capítulo 1.....	518
Capítulo 2.....	520
Capítulo 3.....	522
Capítulo 4.....	524
Capítulo 5.....	525
Capítulo 6.....	527
Capítulo 7.....	529
Portão 26.....	531
Capítulo.....	531
Capítulo 2.....	532
Capítulo 3.....	534
Capítulo 4.....	535
Capítulo 5.....	536
Capítulo 6.....	537
Capítulo 7.....	538
Capítulo 8.....	539
Portão 27.....	542
Capítulo 1.....	542
Capítulo 2.....	544
Capítulo 3.....	547
Capítulo 4.....	549
Capítulo 5.....	551

Capítulo 6.....	553
Capítulo 7.....	554
Capítulo 8.....	555
Capítulo 9.....	556
Capítulo 10.....	557
Capítulo 11.....	559
Capítulo 13.....	560
Capítulo 14.....	562
Capítulo 15.....	562
Capítulo 16.....	564
Capítulo 17.....	564
Capítulo 18.....	566
Capítulo 19.....	566
Capítulo 20.....	567
Capítulo 21.....	568
Capítulo 22.....	569
Capítulo 23.....	569
Capítulo 24.....	570
Capítulo 25.....	570
Capítulo 26.....	571
Capítulo 27.....	573
Portão 28.....	575
Capítulo 1.....	575
Capítulo 2.....	576
Capítulo 3.....	577
Capítulo 4.....	579
Capítulo 5.....	581
Capítulo 6.....	583
Portão 29.....	584
Capítulo 1.....	584
Capítulo 2.....	586
Capítulo 3.....	588
Capítulo 4.....	589
Capítulo 5.....	592
Portão 30.....	593
Capítulo 1.....	593
Capítulo 2.....	595
Capítulo 3.....	596

Capítulo 4.....	598
Capítulo 5.....	599
Capítulo 6.....	602
Capítulo 7.....	604
Capítulo 8.....	606
Portão 31.....	608
Capítulo 1.....	608
Capítulo 2.....	610
Capítulo 3.....	612
Capítulo 4.....	614
Capítulo 5.....	617
Capítulo 6.....	619
Capítulo 7.....	622
Capítulo 8.....	623
Capítulo 9.....	626
Capítulo 10.....	629
Capítulo 11.....	631
Portão 32.....	633
Capítulo 1.....	633
Capítulo 2.....	635
Capítulo 3.....	637

Prefácio do Autor.

O jovem Moshe, filho do rabino Yaakov Cordovero, reflete: "Enquanto observo os dias da minha juventude se esvaindo, desperdiçados na busca de desejos fugazes, sem deixar para trás nenhuma esperança. Quando cheguei aos vinte anos e os primeiros sinais de maturidade começaram a aparecer, meu Criador me despertou do meu sono, como alguém que é despertado do sono, e eu disse à minha alma: 'Por quanto tempo você, filho rebelde, continuará a fugir da verdade? Por quanto tempo você permanecerá embriagado? Remova o vinho de diante de você. Por quanto tempo os pensamentos pecaminosos habitarão dentro de você, fazendo você esquecer o Senhor, seu Criador, que o formou no ventre? Agora, levante-se e invoque seu Deus. Dedique-se ao Seu serviço diariamente e conserte o altar do Senhor que está em ruínas.'"

Ao ouvir esse chamado, minha alma respondeu: "Deixe-me levantar e vagar pelas ruas e mercados da cidade, buscando um lugar onde eu possa encontrar paz e realização." E então ouvi uma voz, a voz de um mensageiro celestial, meu professor e mentor, o divino cabalista, o sábio rabino Shlomo Alkabetz Halevi, que sua luz brilhe intensamente. Ele me levou para as câmaras de sua sabedoria e me disse: "Meu filho, deixe minhas palavras guiarem seu coração. Incline seu ouvido e ouça as palavras dos sábios." Ele me colocou no limiar da sabedoria e do entendimento, que é mais doce que o mel e mais precioso que o ouro. Seus ensinamentos são sutis e profundos, ocultos nos mistérios da Torá. As palavras em minha boca eram como mel doce, e eu frequentava diligentemente sua escola, ouvindo seus ensinamentos. Ele me inspirou a estudar os caminhos do Zohar e me forneceu as chaves para destrancar seus portões.

Com força renovada, mergulhei nesses estudos, dia após dia, e maravilhei-me com a beleza da sabedoria revelada a mim. Quão agradável é se envolver neste trabalho sagrado! Por muitos dias, tornei-me um discípulo desta sabedoria, intoxicado por seu amor. Ela me nutriu constantemente, a cada momento, até que se tornou inesquecível para mim.

Ao cumprir meus votos, coloquei diante de mim toda a coleção de escritos sagrados do Rabino Shimon bar Yochai, que a paz esteja com ele. Ponderei profundamente sobre eles, sentindo-me como se estivesse à deriva no meio do mar, como alguém perdido no topo de um mastro, confuso com a vastidão dos ensinamentos. Então disse a mim mesmo: "Peguei a caneta de um escriba e organizarei esses ensinamentos, um por um, em sua ordem adequada, para dar à minha mente espaço para compreender cada seção separadamente." Quando meu coração era fortalecido por um ensinamento, eu passava para o próximo. E quando vi que meu método era sólido e alinhado com a orientação divina, desenrolei o pergaminho diante de mim, pretendendo que ele servisse como um lembrete e um guia para a estrutura desses ensinamentos.

Chamei esta obra de *Pardes Rimomim* (O Pomar de Romãs) por razões específicas. Primeiro, porque esta sabedoria, a sabedoria da Cabala, é tradicionalmente referida como "Pardes" (Pomar), como é bem conhecido. Segundo, porque este pergaminho seria uma fonte de deleite para minha alma neste mundo e no mundo vindouro, sustentando-me ao longo dos meus anos, como um pomar que plantei para encontrar alegria interior.

É como um pomar de romãs, pois suas seções são como as árvores plantadas dentro dele, e seus capítulos são como a fruta, arranjados lado a lado, não um ou dois, mas cheios até a

borda como as sementes de uma romã. Assim, é apropriado chamá-lo de *Pardeš Rimonim* . Dividimos o pergaminho em trinta e duas seções, e cada seção é referida como um "portão", pois são portões que levam alguém aos segredos mais íntimos da Torá.

Além disso, dividimos os portões em capítulos, alguns curtos e outros longos, dependendo do conteúdo e da profundidade de cada capítulo. Pedimos ao leitor que não entre por esses portões a menos que tenha recebido as chaves e saiba as maneiras de destrancá-las, pois, do contrário, poderá sofrer danos em vez de benefícios. Mas para aqueles a quem foram concedidas as chaves, elas abrirão muitos portões de sabedoria, e confiamos que nosso trabalho levará à descoberta de muitos novos insights.

Que o leitor não espere que expliquemos o mesmo conceito duas vezes, pois isso alongaria o trabalho desnecessariamente. Portanto, não passe de um capítulo até que tenha entendido completamente o que é necessário para sua compreensão, pois confiaremos no que já foi escrito nos capítulos anteriores. Da mesma forma, não mude de um portão para outro até que tenha dominado seu conteúdo. Então você pode prosseguir confiantemente sem medo. No entanto, não reteremos explicações adicionais quando necessário, como escrevemos em certos lugares ou escreveremos em outros. Estes são os nomes dos portões, cada um marcado por sua faixa com letras...

Introdução.

"Distribua, pois ele dá aos necessitados, pois eles espalham suas fontes para saciar a sede daqueles que buscam e daqueles que sabem e são proficientes nelas adequadamente, servindo ao Senhor de todo o coração. De tal pessoa é dito: 'Há alguém que espalha e ainda aumenta mais.' De fato, há um portão que foi fechado, e não temos desejo algum de abri-lo; isso é no contexto dos anos sabáticos e do jubileu. A razão para isso é nosso medo de subir a montanha, e até mesmo de tocar sua borda, porque lidar com esse assunto toca nas raízes da fé. Não apenas isso, mas não encontramos nas palavras do Rabino Shimon bar Yochai, que a paz esteja com ele, nada para saciar nossa sede. E se, sendo o mestre da Cabala e o pai dos segredos, ele desejasse esconder seu segredo, quem pode vir depois do rei para abrir os portões de seus tesouros sem sua permissão?

Há outro portão, o portão da reencarnação, sobre o qual o Rabino Shimon bar Yochai, que a paz esteja com ele, falou, revelando um pouco e ocultando muito mais. No entanto, nestes trinta e dois tópicos, o Rabino Shimon bar Yochai, que a paz esteja com ele, tratou extensivamente de assuntos do Zohar, dos Tikkunim, Ra'aya Mehemna, Yanuka e Saba, os mandamentos e outros ensinamentos preciosos que foram preservados conosco, bem como nas palavras do Sefer HaBahir, Sefer Yetzirah e outros comentários. Das melhores plantas desses jardins, este pomar foi plantado. Que o leitor não pense que procuro destruir os limites do jardim que foi plantado, pois as fontes primárias são as palavras dos santos mencionados acima. Especialmente na maioria dos portões dos valores das denominações, não há adição tão fina quanto uma casca de alho, e nos outros portões, nada foi dito que não derive das palavras dos santos.

E se o leitor desejar contestar, antes de fazê-lo, ele deve primeiro corrigir e reconciliar as palavras dos santos, e somente então ele pode seguir o desejo de seu coração. Nossa língua não é como uma caneta de ferro para gravar em sua mente o que ele não deseja aceitar, Deus nos livre, pois não somos dignos de dizer: "Aceite nossa opinião". Em vez disso, é ele, não nós, que tem o direito de trazer a verdade à luz. Que ele revise as palavras uma, duas e três vezes, e procure justificá-las. Se ele fizer isso, ele pode atribuir o problema à possibilidade de que ele esqueceu algum aspecto do assunto no qual ele tropeçou e não conseguiu entender. Somente depois de labutar e não encontrar as palavras como elas são, será bom e agradável se ele revelar a sabedoria oculta. Pois sabemos que há uma porção dobrada de sabedoria para cada um de nossa geração, pois somos jovens em dias, e já suportamos o desprezo e a amargura dos jovens de nossa geração. Pois a mão do Senhor está sobre nós, e as correias da pobreza pendem como as paredes de nossa casa, como é conhecido por todos os que entram por nossos portões, e os fardos e as pedras de moinho penduradas em nossos pescoços nos enganam. Não está oculto de nós que todos têm uma parte na sabedoria. E se tivermos violado um limite ao entrar em sua porção, Deus perdoará, e Ele nos informará, e coroas estarão sobre sua cabeça para nos adornar, e suas palavras serão uma guarda para nós, para que não nos desviemos do que ele nos diz, para a direita ou para a esquerda.

Além disso, é exigido do leitor que não seja apropriado aproximar-se do sagrado em nenhum momento até que se tenha purificado os pensamentos das vaidades do tempo e seus esquemas, e limpado sua cabeça do orgulho, pois é uma concha que impede seu portador de entrar para contemplar a beleza do Senhor e indagar neste templo de sabedoria. Deve-se humilhar-se como pó diante de cada pessoa, ouvir sua desgraça e se alegrar na aflição, e não estudar a sabedoria da Torá para se vangloriar, especialmente o

estudo desta sabedoria, pois se o fizer, ela o consumirá até a destruição, como declarado por nossos sábios de abençoada memória no Midrash Bereshit Rabba, Rabino Huna, em nome de Bar Kappara: 'Que os lábios da falsidade sejam silenciados, etc.' Eles serão arrancados, silenciados, silenciados, silenciados como diz: 'Quem faz o mudo ou o surdo?' E diz: 'Eis que estávamos amarrando feixes no campo.' Eles serão silenciados, como é dito, por falarem arrogantemente sobre o justo, o Deus vivo, palavras que Ele copiou de Suas criações em arrogância, eu me pergunto! Simplesmente para se gabar e dizer, 'Eu exponho a obra da Criação!' Arrogância, eu me pergunto! Desrespeito por Sua honra, como disse o Rabino Yossi bar Hanina, 'Quem ganha honra envergonhando outro não tem parte no Mundo Vindouro, ainda mais com relação à honra do lugar, etc.' Fim da citação.

Portanto, é preciso conduzir-se com humildade até que chegue o momento em que se veja apto, e então poderá entrar no santuário do Senhor. E é apropriado para todo aquele que entra pelos portões do jardim da sabedoria oferecer uma oração para que seus passos sejam guiados corretamente, e seu caminho seja endireitado, para que ele não tropece, nem se desvie da verdade, nem para a direita nem para a esquerda.

E esta é uma bela oração para qualquer um que entre no santuário interno do Santo dos Santos, com a ajuda de Deus:

'Ó Aquele que habita nas alturas e supervisiona os reinos inferiores, Senhor de todas as emanções, singular e único, um, rei, impressionante, que emana tudo o que é emanado, cria tudo o que é criado, forma tudo o que é formado e faz tudo o que é feito. Quem pode atingir até mesmo um em mil milhares e miríades de miríades da grandeza dos exaltados mistérios ocultos de Seus feitos, muito menos a grandeza de Suas criações? E quem pode pensar em conhecer até mesmo um de mil milhares e miríades de miríades dos segredos ocultos dentro de Sua criação, muito menos e ainda mais atingir até mesmo uma fração de uma fração da porção de uma porção de mil milhares e miríades de miríades de Suas emanções? Você é o Mestre singular, não há segundo, que se une a eles em perfeita unidade. Portanto, ó Senhor meu Deus, abre meus olhos para que eu possa contemplar as maravilhas da Tua Torá, perdoa e perdoa, e passa por cima de todos os meus pecados, iniquidades e transgressões, que pequei, errei e transgredi diante de Ti desde o dia em que estive na terra até hoje. Pois não sou descarado e obstinado para dizer diante do Senhor meu Deus e do Deus dos meus pais: 'Sou justo e não pequei', mas sim pequei, errei e transgredi, eu e meus 248 membros e 365 tendões, e minha alma, espírito e respiração, e tudo o que é revelado comigo. Todos nós nos desviamos como ovelhas sem pastor, e arruinamos o que não podemos consertar, se não fosse pelo fluxo abundante que vem de cima, da ordem exaltada dos canais. Tu que conheces minhas falhas, retifica o que corrompi e concede-me a luz da Tua Torá. Guarda-me dos erros e deixa que Teu espírito generoso me apoie. Ensina-me o caminho da Tua verdade, e revela-me a agradabilidade dos segredos da Tua Torá, para que eu possa aprender e ensinar, observar e executar. Amém, e amém, Selah e para sempre. Que as palavras da minha boca e a meditação do meu coração sejam aceitáveis diante de Ti, ó Senhor, minha Rocha e meu Redentor.' Assim termina a linguagem da oração."

Portão 1

Capítulo 1

O primeiro portão, chamado "Dez e Não Nove":

É bem conhecido e amplamente aceito que, em relação ao número de Sefirot, todos os que se envolvem nessa sabedoria oculta concordam unanimemente que são dez, e não há nenhuma disputa sobre isso. Este é um dos assuntos em que uma aliança foi estabelecida dentro da sabedoria das Sefirot. Temos conosco o Sefer Yetzirah, que é atribuído ao nosso pai Abraão, que a paz esteja com ele. Alguns também o atribuem ao Rabino Akiva, que a paz esteja com ele, embora isso não seja universalmente aceito.

As palavras deste livro são profundas, elevadas e escondidas dos olhos intelectuais de seus examinadores. Embora haja muitas interpretações diferentes, ainda precisamos de mais compreensão para cada seção. No entanto, tentaremos explicar suas palavras da melhor forma possível, com nossa limitada compreensão.

O texto diz: "Dez Sefirot do nada, contadas como dez dedos, cinco correspondendo a cinco, e uma única aliança é dirigida no meio pela palavra da língua e pela palavra do prepúcio."

Embora inicialmente tivéssemos pensado em não explicar esta Mishná devido à profundidade e aos segredos nela ocultos — certamente além da nossa compreensão, e ninguém pode compreender completamente a profundidade de sua linguagem, exceto o Rabino Shimon bar Yochai, que a paz esteja com ele, e o Rabino Akiva, que a paz esteja com ele — nos sentimos compelidos pelo dever a interpretá-la com toda a força que temos.

Há vários pontos a serem examinados: Primeiro, a frase "Dez Sefirot do nada, contadas" parece supérflua. Teria sido suficiente dizer, "Dez Sefirot do nada, correspondendo aos dedos. Por que mencionar 'contadas'?" Segundo, por que mencionar cinco? Terceiro, de acordo com este texto, parece haver onze Sefirot, pois diz "cinco correspondendo a cinco, e a aliança no meio", tornando-se onze. Quarto, por que mencionar "pela palavra da língua" e "pela palavra do prepúcio"? O que esses dois mediadores querem dizer? Quinto, qual é a intenção em nos dizer que as Sefirot correspondem aos dedos? Não parece se relacionar com o assunto em questão.

Ao abordar essas questões, dizemos que o autor deste livro pretendia ocultar toda a sabedoria das Sefirot nesta passagem, ao mesmo tempo em que afirmava sua verdade. Ele afirmou que há dez Sefirot. Como dizer "dez" implica algum nível de limitação e corporalidade devido à divisão em um número, ele acrescentou o termo "do nada" (בלי מה , Bli Ma), que significa "sem substância". O significado de "nada" (בלי מה) é "sem essência". Embora falemos deles como dez, na verdade, a fé é que eles são sem essência, além da compreensão humana. Eles não são limitados nem apreensíveis, pois são livres de limites e corporalidade. E tudo o que não é físico não pode ser compreendido, exceto através do coração daqueles sábios entre o povo de Israel, como na profecia.

O raciocínio por trás de contá-los como dez será explicado nos capítulos seguintes, se Deus quiser. Ele mencionou "contados como dez" para enfatizar que, apesar de nossa

compreensão limitada, eles realmente existem como um número. O termo "Sefirot" vem da palavra para número, indicando que eles são contados como tal, mesmo que não tenham substância. A prova disso é seu nome, "Sefirot", que é derivado do conceito de numeração, como explicamos.

Para afirmar que eles são um número, e que seu número é dez, ele disse, "contados como dez dedos." O versículo diz, "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos" (Salmos 8:4). Deste versículo, é derivado que a criação dos céus e suas hostes foi feita através dos dedos, que simbolizam as Sefirot do Rei dos reis, o Santo, bendito seja Ele. Como os dedos são dez, segue-se que as Sefirot através das quais o mundo foi criado também são dez.

"Cinco correspondendo a cinco" — o autor encontrou um problema, como diz o versículo, "Minha mão também lançou os fundamentos da terra, e minha mão direita estendeu os céus" (Isaías 48:13). Isso implica que os céus foram criados pela mão de Deus, que inclui cinco dedos — portanto, apenas cinco Sefirot estavam envolvidas, não dez. Para resolver isso, ele disse, "Cinco correspondendo a cinco", indicando que assim como os céus são obra da mão direita de Deus, e a terra é obra da mão esquerda de Deus, juntos eles formam dez. É isso que significa "Cinco correspondendo a cinco" — cinco à direita e cinco à esquerda, com a direita criando os céus e a esquerda criando a terra.

"Uma única aliança direcionada no meio" — esta frase aborda a possibilidade de interpretar as Sefirot como cinco ou vinte (contando os dedos das mãos e dos pés). Para esclarecer, os dez dedos dos pés são um reflexo e vestimenta para os dez dedos das mãos. Portanto, embora os vejamos como dez dedos dos pés, eles são apenas um reflexo das dez Sefirot acima, assim como as Sefirot da criação são um reflexo das dez Sefirot de Atzilut. Assim, concluímos que sempre há cinco Sefirot, com o lado esquerdo sendo um reflexo do direito.

Capítulo 2

Explicaremos ainda mais esta Mishná com uma interpretação adicional que os comentaristas ofereceram a respeito de "cinco correspondendo a cinco", que é mais adequada e aceita. Esta explicação se alinha com muitos ensinamentos do Rabino Shimon Bar Yochai (que a paz esteja com ele) em vários lugares. O assunto se refere a cinco à direita e cinco à esquerda. Os cinco à direita representam cinco Sefirot que tendem principalmente para o lado da bondade, que é o lado direito: Keter (Coroa), Chokhmah (Sabedoria), Gedulah (Grandeza), Netzach (Eternidade) e Tiferet (Beleza). Os cinco à esquerda representam cinco Sefirot que tendem para o julgamento, que é o lado esquerdo: Binah (Entendimento), Gevurah (Força), Hod (Glória), Yesod (Fundação) e Malkhut (Reinado).

Embora Tiferet esteja principalmente na coluna do meio, ela se inclina fundamentalmente para a gentileza, como é sabido, e se inclina para a direita. Binah, em sua essência, está associada ao julgamento, pois é chamada de fonte dos julgamentos porque dela os julgamentos emergem, como explicaremos em Portão da Essência e Orientação, capítulo seis. Da mesma forma, Hod está associado ao julgamento, como está escrito: "E minha beleza se transformou em corrupção" (Daniel 10:8), e "o dia todo é tristeza" (Lamentações 1:13), onde "tristeza" (דוד) compartilha as letras de "Hod" (הוד). Yesod (Fundação) também se inclina principalmente para o lado de Gevurah (julgamento). O rabino Shimon

Bar Yochai (que a paz esteja com ele) explicou isso no *Tikkunei Zohar* (Tikkun 13, 29b), afirmando: "O Justo pega da esquerda, e a coluna do meio pega da direita". Ele esclareceu ainda mais em outra parte do *Tikkunei Zohar* (125a), dizendo: "O Justo pega da esquerda, que é Isaac, o 'fim da vida', ligado à esquerda", etc. Embora essa linguagem exija interpretação mais profunda e estudo cuidadoso, a mensagem geral é que Yesod se inclina principalmente para a esquerda, ao contrário de Tiferet.

Isso pode explicar a razão para os dois mediadores (forças intermediárias) além de outras razões, como explicaremos em *Gate of the Mediators*, capítulo quatro, se Deus quiser. Além disso, Malkhut é fundamentalmente julgamento, como é comumente conhecido entre todos os cabalistas, que se referem a ele como o Atributo do Julgamento Suave. Embora alguns lugares pareçam argumentar contra esse conceito, esses ensinamentos são fundamentais e firmemente estabelecidos, pois a verdade do julgamento é absoluta.

Essas Sefirot, em sua ordem, formam duas mãos: a mão direita consiste em Keter, Chokhmah, Gedulah, Netzach e Tiferet, enquanto a mão esquerda consiste em Binah, Gevurah, Hod, Yesod e Malkhut. Tiferet é a "aliança da língua", que media entre julgamento e gentileza, como é conhecido, e está incluída no próprio número dez. Da mesma forma, a aliança da circuncisão (associada ao órgão masculino) corresponde principalmente a Yesod, mas também sugere Tiferet, uma vez que o corpo e a aliança são considerados um, conforme explicado pelo Rabino Shimon Bar Yochai (que a paz esteja com ele) em *Tikkunim* em inúmeras ocasiões. Assim, descobrimos que entre dez e dez, não há mediação, pois há entre cinco e cinco, conforme explicado acima no capítulo um. Isso conclui a segunda interpretação desta Mishná, com base no que os comentaristas explicaram sobre "cinco correspondendo a cinco".

Agora ofereceremos uma terceira interpretação desta Mishná, de outra perspectiva sobre "cinco correspondendo a cinco", como nos parece, embora cada leitor possa escolher a explicação que ressoe com ele. Nesta interpretação, "cinco correspondendo a cinco" não se refere aos dedos mencionados anteriormente. Em vez disso, ele se afasta da discussão do número dez e começa a explicar a mediação entre julgamento e gentileza, e a ordem de mediação e os elementos que requerem mediação. Portanto, a Mishná diz que "cinco correspondem a cinco" porque Tiferet media entre Chokhmah e Binah no segredo de Daat (conhecimento) à medida que ascende a Keter, como elaboraremos em *Gate of the Mediators*, se Deus quiser. Assim, um (Chokhmah) fica oposto ao outro (Binah) — Chokhmah sendo a raiz da gentileza, e Binah sendo a raiz do julgamento.

Tiferet também media entre Gedulah (Bondade) e Gevurah (Julgamento), como é sabido, e o Rabino Shimon Bar Yochai (que a paz esteja com ele) explicou isso no *Tikkunei Zohar* (Tikkun 30, 75a) no versículo: "E era tarde e era manhã" (Gênesis 1:5), como segue: "E Deus chamou o firmamento de céu. 'Deus' se refere à Mãe superior (Binah), 'o firmamento' se refere a Tiferet, que está entre a direita e a esquerda e inclui ambas, como está escrito: 'E era tarde (Isaac) e era manhã (Abraão)'. "

Embora o sentido claro desta passagem sustente nossa explicação, já que ela chegou até nós, ofereceremos um breve esclarecimento para que não passe sem entendimento. Os pontos a analisar são os seguintes:

1. Por que o rabino Shimon disse: "E Deus chamou o firmamento", onde "Deus" se refere a Binah, quando já é sabido que toda menção de "Deus" (Elohim) na narrativa da criação se refere a Binah?

2. Por que ele usou o termo "Mãe" (Ima) em vez do nome mais comum "Binah"?
3. Por que, depois de dizer "a coluna do meio", ele esclareceu que ela fica entre a direita e a esquerda? Não está claro que a coluna do meio fica entre a direita (Gedulah) e a esquerda (Gevurah)? Por que a necessidade de explicação adicional?
4. Ao descer para explicar que está entre a direita e a esquerda, por que não dizer "Tiferet" diretamente em vez de repetir "coluna do meio" redundantemente?
5. Por que a aparente repetição de dizer "está entre a direita e a esquerda e inclui ambas"?
6. Como o versículo "E foi a tarde e foi a manhã" serve como prova dessa ideia?

Dizemos que o Rabino Shimon, que a paz esteja com ele, ficou incomodado com o verso, "E Deus chamou o firmamento de céu" (Gênesis 1:8), já que "firmamento" se refere a Tiferet, e "céu" também se refere a Tiferet. Portanto, o que o verso quer dizer ao dizer, "E Deus chamou o firmamento de céu", como se implicasse que firmamento e céu não são a mesma coisa? A isso, ele responde, dizendo que "Deus" se refere à Mãe superior (Binah). Ou seja, toda menção de "Deus" em Gênesis se refere a Binah, que é responsável por influenciar e emanar para os reinos inferiores, ganhando o título de "Mãe". Assim, o verso se refere a Tiferet como o "firmamento" e o céu como algo que o abrange.

Tiferet tem dois aspectos. Um aspecto é de Chokhmah, que é a qualidade superior, relacionada ao segredo da linha de misericórdia que emana de Keter e se estende para Chokhmah, conforme explicado no Portão da Emissão, se Deus quiser. Este aspecto corresponde à existência de Moisés como sua carruagem, conforme explicado em *Tikkunei Zohar* (Tikkun 13, 29a). Portanto, o primeiro aspecto de Tiferet, em relação a Chokhmah, representa misericórdia pura sem nenhuma mistura de gentileza ou julgamento. Este aspecto é referido como "Rakia" (firmamento), pois se origina de Chokhmah.

Capítulo 3

Tiferet também media entre Chesed (Grandeza) e Hod (Glória), assim como entre Gevurah (Força) e Netzach (Eternidade). A razão é que Chesed e Netzach estão no lado direito, representando gentileza, enquanto Gevurah e Hod estão no lado esquerdo, representando julgamento, e assim eles requerem mediação. Esta ideia tem algum suporte nas palavras do Rabino Shimon Bar Yochai, que a paz esteja com ele, no Zohar (*Ra'aya Mehemna* , Pinchas 244b), onde ele afirma:

"Na primeira composição, meu professor combinou mirra com especiarias, o braço direito com a coxa esquerda. Ele combinou meu mel com minha doçura — Yaakov com Rachel. Ele combinou meu vinho com meu leite — o braço esquerdo com a coxa direita. Chesed (Bondade) com Hod (Glória), o braço direito com a coxa esquerda, Yaakov com Rachel, a coluna do meio com Malchut (Reinado). Gevurah (Força) com Netzach (Eternidade), o braço esquerdo com a coxa direita. Por que seus atributos estão dispostos dessa maneira? Há um segredo aqui. Davi disse: 'Seus sacerdotes serão vestidos de justiça, e seus piedosos se alegrarão' (Salmos 132:9). E diz lá: 'E os levitas se alegrarão' deveria ter sido declarado, mas Deus disse: 'Não é apropriado mudar Meus atributos. Em vez disso, depois que você Me convidar, devo cumprir sua vontade.' Daqui aprendemos que se o dono da casa convida até mesmo o rei, o rei deve cumprir sua vontade, e é por isso que estabelecemos o princípio: 'Faça tudo o que o dono da casa lhe disser', etc."

O que devemos notar nesta passagem é a extensão de sua linguagem e a repetição do conceito usando palavras diferentes. Ela diz, "o braço direito com a coxa esquerda, Chesed com Hod", etc., e até agora, já sabíamos que os dois braços são Chesed (o braço direito) e Gevurah (o braço esquerdo), e as duas coxas são Netzach (a coxa direita) e Hod (a coxa esquerda). Qual era a necessidade desta explicação estendida de algo tão simples?

Além disso, teria sido mais claro e curto declarar "meu mestre combinou mirra com especiarias — Chesed com Hod, meu mel com minha doçura — a coluna do meio com Malchut, meu vinho com meu leite — Gevurah com Netzach", e permanecer em silêncio sobre os braços e coxas, pois seus significados seriam compreendidos automaticamente.

Além disso, o cerne desta passagem é encontrado no Zohar, em *Pinchas* (241b), onde diz: "Na primeira composição, meu professor combinou mirra com especiarias, o braço direito com a coxa esquerda. Ele combinou meu mel com minha doçura — Yaakov com Rachel. Ele combinou meu vinho com meu leite — o braço esquerdo com a coxa direita." Ele para aí e não estende a explicação mais adiante.

Embora o Zohar elabore sobre a mediação de "mirra" (Chesed) e "especiarias" (Netzach), ele não expande muito mais os detalhes das palavras. Devemos questionar por que esta passagem do Zohar não seguiu essa frase mais simples aqui.

A frase "Yaakov com Rachel" também é digna de nota, pois não segue a mesma estrutura usada para as outras Sefirot, que combinam membros com suas contrapartes femininas correspondentes (como Chesed com Hod, ou Gevurah com Netzach).

Depois que o rabino Shimon começou a explicar suas palavras dizendo "Chesed com Hod" e "o braço direito com a coxa esquerda", a ordem correta deveria ter sido declarar a linguagem como "o braço direito com a coxa esquerda", seguido por "Chesed com Hod", em vez de reverter a explicação como foi feito aqui.

Por que o Rabino Shimon pergunta: "Por que seus atributos estão dispostos dessa maneira?" Qual era o problema? Afinal, é comum que Netzach extraia de Gevurah e que Hod extraia de Chesed, embora sua nutrição primária normalmente flua de Netzach para Chesed e de Hod para Gevurah. Ocasionalmente, devido à mistura de energias e influências, Netzach extrai de Gevurah, e Hod extrai de Chesed. Portanto, cada uma das Sefirot inclui elementos de todas as outras para que elas se harmonizem e atuem em uníssono. Isso permite que até mesmo opostos, como Chesed e Gevurah, se misturem.

O Zohar ficou perplexo com o texto porque deveria ter dito: "Eu juntei minha mirra e minhas especiarias; comi meu mel e minha doçura; bebi meu vinho e meu leite." Por que usar a palavra "com" repetidamente? Parece desnecessário. A resposta fornecida no Zohar (Vayikra 4b) diz: "Mirra com especiarias" se refere a Chesed com Netzach, "Mel com doçura" se refere a Gevurah com Hod, e "Vinho com leite" se refere ao corpo e à aliança.

Isso responde parcialmente à nossa pergunta, pois a palavra "com" foi usada para significar a unificação desses atributos da maneira descrita. No entanto, como o versículo pretende unificar Chesed com Netzach, Gevurah com Hod e Tiferet com Yesod, teria sido suficiente deixar de fora o uso repetido de "com", pois é entendido que eles são unificados em sua ordem natural de três conectando-se a três.

Para esclarecer ainda mais, o Zohar em *Pinchas* (241b) fornece uma interpretação diferente e mais expansiva: "O braço direito com a coxa esquerda" significa que Chesed, embora alinhado com a direita (bondade), é unificado com Hod, embora alinhado com a esquerda (julgamento). Similarmente, Gevurah, embora alinhado com a esquerda (julgamento), é unificado com Netzach, que se alinha com a direita (bondade). Agora, não é mais desconcertante por que a palavra "com" é usada repetidamente — era necessário porque esse arranjo é contrário à sua ordem natural.

O rabino Shimon Bar Yochai empregou a linguagem dos membros ("coxas" e "braços") em vez dos nomes das Sefirot porque ele estava explicando como, no mundo das Sefirot, esse arranjo invertido pode parecer impossível. Netzach normalmente extrai de Chesed e alinha sob a coluna da direita, e Hod normalmente extrai de Gevurah e alinha sob a coluna da esquerda. Como, então, seus papéis podem ser invertidos? Para ilustrar isso de forma metafórica, ele usou o exemplo dos membros, dizendo que assim como as coxas e os braços são conectados e presos ao corpo, o que unifica o braço direito com a coxa esquerda e o braço esquerdo com a coxa direita, também essas Sefirot podem ser misturadas dessa maneira por meio do corpo central, que é Tiferet.

Assim, pelo poder de Tiferet, que se estende às seis extremidades (as seis Sefirot), essa mistura se torna possível. Essa mistura é de fato atingível, embora possa parecer contraintuitiva.

Ainda assim, ficamos com a questão de por que esses atributos são organizados dessa maneira, como explicaremos. O uso de "membros" pelo Rabino Shimon em vez de nomear diretamente as Sefirot aponta para o envolvimento de Tiferet, o corpo, como o unificador.

Concluindo, vemos que Tiferet faz a mediação entre Chesed e Hod, bem como entre Gevurah e Netzach.

Capítulo 4

No capítulo anterior, concluímos do ensinamento acima mencionado que Tiferet media entre Chesed (Grandeza) e Hod (Glória), bem como entre Gevurah (Força) e Netzach (Eternidade). Este conceito pode parecer um tanto incomum para o ouvinte, então estabeleceremos e esclareceremos ainda mais este ponto para demonstrar que não é nem rebuscado nem estranho, mas sim muito próximo do entendimento racional.

É bem sabido que Tiferet recebe de Chesed e Gevurah e transmite para Netzach e Hod. Não há dúvida de que o fluxo que Tiferet envia para Hod deve conter uma porção da influência que recebeu de Chesed, como já explicamos. Similarmente, o fluxo que Tiferet envia para Netzach deve conter um elemento da influência que recebeu de Gevurah. Entretanto, a influência que Tiferet transmite para Netzach e Hod não permanece exatamente como recebeu de Chesed e Gevurah. Ao invés disso, o fluxo é equilibrado através de Tiferet, que o mistura em uma mistura mais moderada, harmonizando Chesed com Hod e Netzach com Gevurah.

Assim, essa mediação é um tanto constante. Há momentos em que Tiferet deve receber principalmente do atributo de Gevurah para transmitir a Netzach a fim de implementar o julgamento no mundo, como para o propósito de promulgar retribuição. Em outros momentos, Tiferet recebe principalmente de Gevurah para mitigar a severidade do julgamento. Da mesma forma, há momentos em que Tiferet recebe predominantemente de

Chesed para transmitir a Hod e mitigar Hod. Essa mistura e assuntos semelhantes são explicados no Portão dos Canais, capítulo 2, seção 5. Os princípios aqui são claros para o entendimento e lógicos para aqueles que buscam conhecimento.

Expandiremos ainda mais este tópico e demonstraremos o conceito usando o acordo estabelecido de todos os grandes cabalistas em relação às cores das Sefirot. Eles concordaram que Netzach é vermelho, tendendo para o branco, e Hod é branco, tendendo para o vermelho. Netzach, eles explicaram, é vermelho tendendo para o branco, significando que é vermelho devido à sua recepção do julgamento severo de Gevurah através da mediação de Tiferet, como explicado anteriormente. Por causa deste julgamento, é vermelho. No entanto, devido à sua conexão mais forte com Chesed (que é sua fonte primária), ele tende para o branco, diluindo a vermelhidão e retornando-a ao branco. É por isso que ele "inclina", significando que sua característica predominante é o branco.

Por outro lado, o oposto se aplica a Hod, que recebe por meio de Chesed via Tiferet e é branco. No entanto, como sua fonte primária de recepção é de Gevurah (onde estão sua inclinação e lugar), ele deve se inclinar para o vermelho, mudando a misericórdia para o julgamento.

Assim, Tiferet está posicionado no meio com sua mistura de cores branco e vermelho entre Chesed e Hod, e entre Gevurah e Netzach. O tópico dessas cores é discutido em maiores detalhes no Portão das Cores, seção 5. Louvado seja Aquele que concede bondade aos indignos, que concedeu Sua bondade a nós. Que Deus ilumine nosso caminho, ajudando-nos a provar essa ideia com três testemunhas confiáveis: as palavras do Rabino Shimon bar Yochai, que a paz esteja com ele, a sabedoria da Cabala e as palavras dos grandes cabalistas.

Em resumo, as áreas que requerem mediação são as seguintes: cinco opostos a cinco. Chokhmah (Sabedoria) é oposto a Binah (Entendimento); Chesed é oposto a Gevurah. Eles formam dois pares. Chesed é oposto a Hod, e Gevurah é oposto a Netzach. Isso cria mais dois pares, fazendo quatro contra quatro. Além disso, Yesod (Fundação) media entre Netzach e Hod, conforme explicado no Portão dos Mediadores, capítulo 4. Isso resulta em cinco opostos a cinco. No entanto, há apenas dois mediadores entre os cinco e os cinco: Yesod e Tiferet. Como? Yesod media entre Netzach e Hod, e Tiferet media entre Chesed e Gevurah, entre Chesed e Hod, entre Gevurah e Netzach, e entre Chokhmah e Binah em um estado oculto dentro do segredo de Daat, conforme explicado no Portão acima mencionado.

Com esta introdução, podemos agora entender a Mishná que estamos interpretando, que afirma "cinco opostos a cinco", significando que eles são de fato cinco opostos a cinco, e a "aliança de unidade" está posicionada no meio porque os mediadores ficam no meio e unificam os extremos. O termo "Lashon" (língua) se refere a Tiferet, que é chamado de "Lashon" porque através de Binah (que é comparada à língua), Tiferet ascende para mediar entre Chokhmah e Binah no segredo de Daat, como explicado no Portão acima mencionado. Através de Binah, Tiferet também media entre Chesed e Gevurah, como explicamos no capítulo 2, com a ajuda de Deus. O termo "Or" (prepúcio) se refere a Yesod, o segundo mediador.

Assim, o conceito se torna mais estabelecido, e resolvemos a questão que levantamos sobre os cinco opostos a cinco e os mediadores sendo onze. Não estamos nos referindo ao número de Sefirot aqui, mas sim ao número de mediações, como explicado, então não há necessidade de maiores elaborações. Agora esclarecemos a Mishná usando a versão mais

conhecida encontrada em livros e entre comentaristas, apesar do fato de que Ramban, que a paz esteja com ele, parece ter tido uma versão diferente. No entanto, confiamos no consenso da maioria dos textos. Quando o estudioso examina as várias versões, ele descobrirá que esta é mais precisa, e ainda não foi totalmente verificado se a versão de Ramban se alinha com a interpretação atribuída a ele.

Capítulo 5

Depois de termos nos movido das alturas elevadas e íngremes da Mishná anterior, na qual confirmamos o acordo entre os cabalistas de que as Sefirot são dez e não mais, agora prosseguimos para a próxima Mishná, que é a segunda nesta seção, mas a quarta no capítulo. O texto diz o seguinte:

"Dez Sefirot do nada. Dez, não nove. Dez, não onze. Entenda com sabedoria, e seja sábio com entendimento. Examine-as, e investigue a partir delas, saiba e contemple a partir delas, e estabeleça o assunto em sua verdade, e restaure o Criador ao Seu lugar."

Concordamos em não levantar questões com esta Mishná, pois sua formulação é inerentemente obscura, e o próprio versículo demanda interpretação, pois seu significado superficial não suporta nenhuma explicação até que nos aprofundemos nele. Agora escreveremos o que Deus coloca em nossas bocas a respeito do assunto "Dez, não nove" e sua explicação.

A intenção é nos alertar contra o erro de pensar que Keter (Coroa) não faz parte das Sefirot, considerando-a, em vez disso, como Ein Sof (o Infinito), o que não é, pois "Um mais alto que os mais altos observa" (Eclesiastes 5:7). Muitos erroneamente acreditaram que Ein Sof está incluído na contagem das Sefirot e que é Keter. Nós refutaremos essa visão no capítulo sobre se Ein Sof é Keter, na seção cinco. Deus nos livre desse pensamento errôneo.

Na verdade, as Sefirot são dez sem o Ein Sof, pois se fosse de outra forma, as Sefirot emanadas seriam reduzidas a nove. Isso é inaceitável; os seres emanados devem ser dez, não nove. Além disso, a Mishná nos adverte a não excluir Malkhut da contagem, como alguns pensaram erroneamente em seu raciocínio. Deus nos livre dessa visão equivocada também. Malkhut certamente está incluída entre as Sefirot em Atzilut (o mundo da emanção), embora não esteja totalmente unificada com as outras porque foi separada, como explicaremos no capítulo sobre a diminuição da lua.

Esta explicação está próxima do que Rabi Shimon Bar Yochai, que a paz esteja com ele, interpretou no Zohar (*Ra'ya Mehemna*, Ki Tetze, 277b), onde ele disse:

"Há outros, mestres da Torá escrita, mestres de atributos que herdaram almas do lado da sagrada Malkhut, que está incluída nas dez Sefirot. Quem a herda e a merece alcança as dez Sefirot sem separação — dez e não nove, pois se alguém herdasse apenas Malkhut, haveria nove separados dela. Como não há separação ali, o autor do Sefer Yetzirah disse: 'Dez, não nove.' E se você diz que ela se eleva acima das dez, talvez você explique dizendo Yod-Heh-Vav-Heh — essas são dez. Yod, que se une a ela, não se eleva acima das dez. Portanto, é dez e não onze."

O significado desta passagem é que quando o Rabino Shimon disse, "há outros", ele se referiu a uma parte anterior da passagem, onde ele explicou que alguns indivíduos justos têm uma alma do lado de Beriah (o mundo da criação), que é chamada de "Mãe". Isso será explicado no Portão da Alma, seção cinco. Ele então acrescentou que há outros, "mestres da Torá escrita", que se envolvem na Torá divina e seus mistérios.

Para evitar mal-entendidos de que "mestres da Torá escrita" se refere apenas àqueles que estudam os aspectos revelados de halachot, interpretações e midrashim, o rabino Shimon esclareceu que, embora esses indivíduos ganhem grande recompensa, eles não atingem o nível dessa alma específica até que se envolvam nos segredos das Sefirot, que são os mistérios da divindade. Esses indivíduos são chamados de "mestres dos atributos" porque o foco dos cabalistas está nos atributos (Sefirot) e seus relacionamentos.

O Rabino Shimon explicou que esses indivíduos herdam uma alma da própria Malkhut, não de Metatron ou "Mãe" (Binah), como mencionado anteriormente. Ele disse que eles merecem uma alma que está incluída nas dez Sefirot. Para abordar a preocupação de que outras almas também podem ser incluídas nas dez ou que essa alma pode não estar incluída nas dez, ele explicou que a alma de Malkhut deve necessariamente ser incluída nas dez porque as Sefirot são inseparáveis e interconectadas. Quando mencionamos Malkhut, isso implica que as outras Sefirot também estão conectadas a ela. Este não é o caso com almas do lado de Metatron ou "Mãe", pois elas pertencem ao mundo da separação, descendendo de Atzilut e, portanto, não têm esse requisito. Portanto, apenas uma alma do lado de Malkhut é necessariamente incluída nas dez.

Quando dizemos que uma alma do lado de Metatron ou "Mãe" não está incluída nas dez, não queremos dizer que ela não contém todas as dez Sefirot, pois isso é impossível. Toda ação que emana de cima deve incluir todas as dez Sefirot; caso contrário, implicaria separação. Esta é a razão para defeitos físicos, como membros ausentes, que indicam uma falha nas ações da pessoa, pois causaram uma separação na fonte sagrada. Portanto, sua alma não se estende para esses membros, e é defeituosa. O defeito reflete o estado espiritual da pessoa, como explicaremos a respeito dos membros no Portão da Alma, capítulo sete.

Assim, é impossível para uma alma ou ação neste mundo não incluir todas as dez Sefirot. Mesmo quando nos referimos a uma alma do lado de Metatron ou "Mãe", não queremos dizer que ela não seja de cima (Deus nos livre), pois todas as almas vêm de cima. A diferença, como explicaremos no capítulo acima mencionado, é que a alma de Malkhut é inerentemente incluída em todas as dez Sefirot, enquanto a alma do lado de Metatron ou "Mãe" não é diretamente parte das dez Sefirot.

Retornando às próprias Sefirot, há uma distinção significativa entre dizer que Malkhut está "incluída nas dez" e dizer que ela está "unida à essência" das outras Sefirot. Estar incluído não é o mesmo que estar unido à essência das Sefirot, em cujo caso todas as dez Sefirot estão visivelmente presentes nela. Este é o significado de "incluído nas dez Sefirot" no Zohar.

O Rabino Shimon explicou que essa inclusão não é meramente uma inclusão natural como ocorre com todas as Sefirot, mas sim que "quem herda e merece" atinge as dez Sefirot em sua plenitude, significando que as dez Sefirot são totalmente manifestadas dentro dessa alma. Quando dizemos "herda e merece", nos referimos a duas condições: primeiro, preparação através das ações do pai durante o ato de procriação, como os sábios

ensinaram, "Aquele que se santifica durante as relações conjugais..." Se o pai se santifica adequadamente, ele merece atrair uma alma santa de um lugar alto, e o grau de santidade determina a elevação da alma. Isso é explicado em muitos lugares no Zohar e no Talmud. O termo "herda" se refere a esse processo de atrair uma alma elevada.

Em segundo lugar, o indivíduo também deve ser justo e digno desta alma por meio de suas próprias ações, garantindo que a alma não se afaste deles. Isso é explicado mais adiante no Portão da Alma, capítulo 3, seção 5. A frase "merece" se refere a uma pessoa que ganha esta alma por meio de suas próprias ações justas. Quando alguém merece uma alma de Malkhut, ela é necessariamente incluída nas dez Sefirot, pois é inseparável das outras Sefirot. Este é o significado da frase do Zohar "dez Sefirot sem separação".

O autor do *Sefer Yetzirah* disse, "Dez, não nove," para ensinar que a alma de Malkhut, sendo uma parte de Malkhut, deve também incluir todas as dez Sefirot. Se a alma fosse separada das outras Sefirot, isso implicaria que Malkhut também é separada das outras Sefirot, o que é impossível. Portanto, as dez Sefirot nunca podem ser reduzidas a nove.

A declaração "Dez, não onze" nos adverte para não contar o Trono (associado a Beriah) entre as Sefirot emanadas, como explicaremos no Portão de Atzilut, Beriah, Yetzirah e Asiyah (AbyA), se Deus quiser. Também nos adverte para não contar o anjo Metatron, o príncipe da presença, entre as Sefirot, embora seu nome seja como o nome de seu Mestre, pois ele pertence a Yetzirah e não a Atzilut, como explicado no Portão acima mencionado.

Essas interpretações da Mishná são consistentes com sua linguagem de afirmação e negação: "Dez" afirma o número de Sefirot, e "não nove" nega qualquer redução. Similarmente, "Dez, não onze" nega qualquer adição ao número de Sefirot.

Capítulo 6

Outra explicação desta Mishná é fornecida no Zohar (*Ra'aya Mehemna* , Ki Tisa 187b), como segue:

"Um mandamento para dar meio shekel pelo shekel sagrado. O rabino Meir disse: O que é meio shekel? É como meio *bin* (uma unidade de medida), e isso corresponde ao *var* (ו), que é o meio entre os dois *behs* (ב). Uma pedra para pesar é o *yud* (י). O peso de vinte *gerah* do shekel é o *yud* (י). 'O rico não dará mais' se refere à coluna do meio, que não deve exceder dez, como é declarado no *Sefer Yetzirah* : 'Dez Sefirot do nada, dez e não onze.' 'O pobre não dará menos', isso se refere ao *tzaddik* (justo, Yesod), que não diminuirá de dez, como é dito: 'Dez e não nove.' E meio shekel é dez."

Esta passagem requer alguns esclarecimentos:

1. A declaração: "O que é meio siclo? É como meio *bin* , que é Tiferet, o meio entre os dois *behs* ." No entanto, no contexto de meio siclo, isso não parece aplicável, pois não sabemos o que é um meio termo.
2. A declaração: "Uma pedra para pesar é o *yud* ," parece sugerir que o *yud* representa o valor de vinte. Mas como isso pode ser consistente com a ideia de que nada deve ser adicionado ou subtraído de dez? O *yud* (que é dez) é apenas metade de vinte, então como se pode dizer que a pedra pesa vinte?

3. A frase "Uma pedra para pesar é o *yud* , vinte *gerah* é o *yud* " parece ser repetitiva e redundante, afirmando a mesma coisa duas vezes.
4. A declaração "E meio siclo é dez" parece desconectada do resto da passagem e até contradiz a explicação anterior, onde meio siclo era dito ser o meio. Agora, ele afirma que meio siclo é dez, implicando que metade é simplesmente o valor numérico de dez, não um meio.

Para entender esta passagem, precisamos primeiro introduzir o conceito de que as Sefirot são dez de cima para baixo e dez de baixo para cima. Isso pode ser comparado ao reflexo da luz do sol atingindo um espelho polido: a luz vem de cima, atinge o espelho e então retorna à sua fonte. De forma semelhante, as Sefirot fluem de cima para baixo até chegarem a Malkhut, onde a luz é reunida e então retorna para cima, à sua fonte. Este conceito será elaborado em outro capítulo, se Deus quiser.

Este segredo é sugerido pelo formato da letra *aleph* (א), que consiste em um *yud* acima, um *yud* abaixo e um *vav* no meio, simbolizando o fluxo de luz de cima para baixo e seu retorno de baixo para cima. Os dois *yuds* representam as águas superiores e inferiores, enquanto o *vav* (a coluna do meio) representa Tiferet, que une as águas superiores e inferiores. Este é o significado de "meio shekel", que é o meio entre a medida completa do shekel — as dez Sefirot de cima para baixo e as dez de baixo para cima. Tiferet é o intermediário entre os dois *yuds* , que juntos compõem vinte *gerah* do shekel.

Agora, o significado de "meio *him* " e "meio shekel" é o mesmo, resolvendo a primeira questão.

Em relação à declaração "uma pedra para pesar é o *yud* ", a palavra "pedra" (*par*) sempre simboliza a forma da letra *yud* , que representa o conceito do número dez. A pedra usada para pesar meio shekel é, portanto, o *yud* , representando dez. O shekel completo é vinte *gerah* , que corresponde aos dois *yuds* — um de cima para baixo e um de baixo para cima. A "pedra" (o *yud*) representa o valor simples de dez, que é usado para pesar metade do shekel. Quando é dobrado, torna -se o shekel completo, ou vinte *gerah* — um *yud* de cima e um de baixo, conforme explicado.

Em relação à frase "o rico não dará mais", isso se refere a Tiferet, a coluna do meio. Embora seja "rica" em abundância e completude em comparação com as outras Sefirot, ela não pode exceder dez, pois as Sefirot são sempre dez, não onze. Sua riqueza é expressa no aumento de luz e influência, mas nunca irá além da completude de dez.

Em relação a "o pobre não dará menos", isso se refere a Yesod, também chamado de *tzaddik* (o justo), que é considerado "pobre" em tempos de exílio, como diz o versículo, "O homem justo perece" (Isaías 57:1). Embora Yesod possa ser "pobre" e carente em tempos de exílio, ele não pode ser reduzido a menos de dez Sefirot, assim como é declarado: "Dez e não nove". A pobreza de Yesod é expressa na redução da luz ou plenitude, mas sempre permanecerá conectada às dez Sefirot.

A frase "meio siclo é dez" agora faz sentido, de acordo com o que explicamos: o rico, Tiferet, corresponde à coluna do meio, a metade do siclo que está entre os dois *yuds* . Como metade do siclo é dez, isso demonstra que Tiferet é o meio entre as águas superiores e inferiores, dividindo o siclo completo (vinte *gerah*) em duas dezenas.

Assim, o rico nunca excederá dez, e o pobre nunca diminuirá de dez, porque ambos correspondem à plenitude das dez Sefirot.

As partes restantes da Mishná são explicadas da seguinte forma: "Entenda com sabedoria e seja sábio com entendimento" significa que se deve unificar sabedoria (Chokhmah) com entendimento (Binah), e Binah com Chokhmah. Alguns comentaristas explicam que isso significa que a raiz da sabedoria está dentro do entendimento, e a raiz do entendimento está dentro da sabedoria. Outros explicam que isso significa que quando você atrai influência para Chokhmah, você deve garantir que ela flua para Binah, e quando você atrai influência para Binah, você deve dar a ela a força de Chokhmah.

A frase "Examine-os e investigue a partir deles" significa que se deve examinar cuidadosamente as Sefirot em sua essência por meio dos métodos adequados de investigação, mantendo uma consciência humilde do divino. A frase "Estabeleça o assunto em sua verdade" significa estabelecer o assunto em uma base firme e mergulhar profundamente no assunto até que ele se torne claro. "Retorne o Criador ao Seu lugar" significa que o objetivo final de alguém deve ser sempre restaurar a presença divina ao seu devido lugar, unificando as Sefirot emanadas com sua fonte, o Emanador.

A explicação conclui com uma firme afirmação de que as Sefirot são sempre dez, nunca menos e nunca mais, o que é uma crença fundamental mantida por todos os cabalistas.

Capítulo 7

Depois de termos lidado em capítulos anteriores com o reforço de nossa firme crença, conforme acordado por todos os cabalistas, de que as Sefirot são dez, nem mais nem menos, neste capítulo, pretendemos evitar que o estudante caia em confusão e erro. Esta questão surgiu em uma pergunta feita a Rav Hai Gaon. A pergunta era a seguinte:

"Os questionadores perguntam ao nosso mestre: Descobrimos que nossos sábios (de abençoada memória) se referem aos treze atributos que Moisés, nosso professor, recebeu. E em relação a Abraão, nosso pai, de abençoada memória, nossos sábios atribuíram a ele o *Sefer Yetzirah*, que lista dez Sefirot. Precisamos entender de sua boca sagrada se as dez Sefirot são as mesmas que os treze atributos. Se sim, então encontramos treze Sefirot, não dez, ou os treze atributos são separados das dez Sefirot? Buscamos sua Torá e aguardamos sua resposta."

Rav Hai Gaon explicou a eles que os treze atributos são ramos e desenvolvimentos que derivam dos dez níveis, que são chamados Sefirot, alinhados uns contra os outros, junto com três aspectos ocultos — as "Cabeças das Cabeças". E mesmo que esses aspectos ocultos não sejam diretamente manifestos, eles são passados pela tradição de nossos ancestrais, de uma geração para a outra, de volta aos profetas. Esses desenvolvimentos são as ações conhecidas como atributos (*middot*), enquanto as raízes, que são suas origens, são chamadas Sefirot. Elas não são chamadas por um nome numérico simplesmente por causa de seu número, etc. Não copiaremos a resposta inteira aqui porque pretendemos elaborá-la na íntegra em *Gate of the Purities*, capítulo 1, se Deus quiser.

Por enquanto, é importante esclarecer que quando Rav Hai Gaon mencionou "três cabeças ocultas" em sua resposta, ele não quis sugerir que há treze Sefirot. Se essa fosse sua intenção, ele teria respondido diretamente à questão principal — que a declaração no *Sefer Yetzirah* que diz "Dez e não onze" não é uma decisão vinculativa. Como vemos que Rav

Hai Gaon não abordou esse ponto nem o rejeitou, parece claro que os três aspectos ocultos não são considerados Sefirot, de modo que os contaríamos como treze. Em vez disso, são forças ocultas, realidades sutis, separadas das Sefirot, como explicaremos em detalhes na seção mencionada, se Deus quiser.

Assim como não nos preocupamos com o fato de encontrarmos dez Sefirot em Atzilut, dez em Beriah, dez em Yetzirah e dez em Asiyah, também não deveríamos nos preocupar com a presença de aspectos ocultos, pois as Sefirot sempre permanecem dez. Se encontrarmos realidades ocultas, elas são as fontes das reveladas, e as reveladas são reflexos das superiores. O número de Sefirot sempre permanece dez, nem mais nem menos, e os três aspectos ocultos são fontes, como explicaremos quando elaborarmos as palavras de Rav Hai Gaon.

Outra fonte de confusão pode vir de uma *Baraita* do Rabino Shimon, o Justo, que foi citada por Rav Hamai Gaon em seu livro *Sefer Halyun*. O texto afirma o seguinte:

"Cada um desses treze poderes tem um nome específico e seus níveis são organizados um acima do outro:

1. Ar Primordial,
2. Sabedoria Primordial,
3. Luz maravilhosa,
4. Hashmal,
5. Nuvem,
6. Trono de Glória,
7. Roda da Grandeza, chamada 'Chazchazit', o lugar onde as visões dos profetas emergem,
8. Querubim,
9. Rodas da Carruagem,
10. Ar Circundante,
11. Cortina, que é o Trono da Glória,
12. O lugar das almas, chamado 'Câmaras da Grandeza',
13. O segredo da matriz superior, chamada "A Sagrada Câmara Superior".

Esses treze poderes emanam juntos do Keter superior oculto, conhecido como "Omã" (o Artesão), etc.

À primeira vista, pode parecer que esta *Baraita* está listando as Sefirot, e de fato as Sefirot são dez, começando com:

1. Ar Primordial, que corresponde a Keter, pois é um nome bem conhecido para Keter,
2. Sabedoria Primordial, que é Chokhmah,
3. Luz maravilhosa, que é Binah,
4. Hashmal, que é Chesed,
5. Nuvem, que é Gevurah,
6. Trono de Glória, que é Tiferet,
7. Chazchazit, que é Netzach, e também está associado aos profetas,
8. Querubim, que é Hod,
9. Rodas da Carruagem, que é Yesod,
10. Ar Circundante, que é Malkhut.

Além desses dez, os nomes restantes não se referem a Sefirot, mas a níveis abaixo deles. Alguns explicaram isso como três tipos de emanções dentro de Malkhut, embora não sejam emanções reais das próprias Sefirot. No entanto, parece que eles se referem a três fontes ocultas dentro de Malkhut, assim como há três aspectos ocultos dentro de Keter. Elaboraremos mais sobre isso no *Portão das Puridades* e no *Portão de Atzilut, Beriah, Yetzirah e Asiyah* (AbyA), se Deus quiser.

Quanto aos três níveis adicionais mencionados pelo Rabino Shimon, o Justo — 11. Cortina, 12. O lugar das almas (chamado de 'Câmaras da Grandeza') e 13. O segredo da matriz superior (chamado de 'A Sagrada Câmara Superior') — parece pelo texto que estes não se referem às Sefirot, mas sim aos poderes das Sefirot. Em particular, a menção do décimo primeiro como "Cortina" indica uma barreira divisória, uma tela entre Atzilut e os reinos abaixo dela. Isto é chamado de Trono da Glória, que abrange muitos outros tronos e se refere ao reino de Beriah, como será explicado no *Portão de AbyA*, se Deus quiser.

É bem sabido que as almas são talhadas de baixo do Trono da Glória, e embora na verdade elas emanem de cima do trono, elas ainda são consideradas "talhadas" de baixo do trono, já que essa talhada se refere ao mundo de Yetzirah, como explicaremos no portão acima mencionado. Yetzirah está abaixo de Beriah, então o lugar onde as almas são talhadas é abaixo do Trono da Glória, que está abaixo de Beriah. Portanto, o nível abaixo do Trono da Glória é chamado de "O lugar das almas", e as Câmaras da Grandeza são as câmaras reais do Gan Eden.

Abaixo de Yetzirah está Asiyah, referida como "o segredo da matriz superior", que se refere à ordem dos anjos que servem em Asiyah, abaixo de Yetzirah. Este é o nosso entendimento da *Baraita do Rabino Shimon, o Justo*.

Assim, a questão dos treze atributos está resolvida. Seja de acordo com uma explicação ou outra, as Sefirot sempre permanecem dez.

Em relação à questão colocada a Rav Hai Gaon — se os treze atributos são as Sefirot — a evidência mostra que os treze atributos não são Sefirot, como Rav Hai Gaon sugeriu. A prova é que os treze atributos são chamados de "Treze Atributos da Misericórdia", enquanto as Sefirot incluem atributos de julgamento, como Gevurah e Hod. Portanto, está claro para nós que os treze atributos se referem aos doze limites, que correspondem a doze permutações do Nome Divino, com a fonte que os sustenta sendo a décima terceira. Eles existem em três lugares — Teli, Galgal e Lev — denotados pela sigla Tagal. Além disso, há treze aspectos ocultos dentro de Keter, como elaboraremos no *Portão dos Nomes Divinos*, na explicação do Nome de 72, se Deus quiser.

O rabino Nechunya ben HaKana, de abençoada memória, também aderiu a esse entendimento, listando treze atributos dentro de Keter, como citarei no *Gate of Essence and Governance*, capítulo 3, se Deus quiser. Da mesma forma, o rabino Shimon bar Yochai no *Idra* mencionou os treze atributos da misericórdia tanto em Zeir Anpin quanto em Arikh Anpin, indicando claramente uma visão oposta à do Rav Hai Gaon.

A explicação dos treze atributos pertence a um trabalho separado, que discutiremos em detalhes se Deus nos conceder vida. Nosso objetivo aqui é defender a crença cabalística de que não se deve acreditar em adicionar ou subtrair das dez Sefirot, pois elas são a estrutura imutável: dez e não onze. Qualquer um que adicione ou subtraia desse número erra e traz danos a si mesmo. Oramos para que Deus nos proteja de erros.

Capítulo 8

Após confirmar o número das Sefirot, devemos agora investigar se elas são necessárias de acordo com a investigação filosófica. Para isso, dizemos que as Sefirot são de fato necessárias por várias razões.

A primeira razão é que nós, que acreditamos na providência divina, mesmo na providência individual, devemos afirmar que Deus administra o mundo através das Sefirot. Isso ocorre porque Aquele que é simples, a causa de todas as causas e a fonte de todas as fontes, está além da mudança e dos atributos — como sabedoria, justiça, audição e outras qualidades que os filósofos excluem Dele. Da mesma forma, descrições de fisicalidade e corporalidade — como "Deus desceu" ou "a aparência da glória de Deus era como um fogo consumidor" (Êxodo 24:17), ou "Eu vi o Senhor sentado em um trono" (Isaías 6:1), ou "a glória do Senhor encheu o Tabernáculo" (Êxodo 40:34), e "eles viram o Deus de Israel e sob Seus pés havia uma pedra de safira" (Êxodo 24:10), ou a visão do "Ancião dos Dias" em Daniel (Daniel 7:9) — referem-se a limites e fisicalidade, que são atribuídos aos atributos de Deus.

Entretanto, em relação Àquele que é simples em Sua essência, essas descrições não podem ser aplicadas a menos que vejamos Seu relacionamento com Seus atributos, como explicaremos em *Gate of Essence and Vessels* e *Gate of Divine Names* com a ajuda de Deus. Por meio dos atributos, há mudanças como julgamento e misericórdia, mas não em Sua essência, como será explicado no portão acima mencionado.

Assim, para não contradizer a crença fundamental na simplicidade do Um — onde Ele está além de atributos que implicam fisicalidade e limites — somos compelidos a acreditar nas Sefirot. Isso ocorre porque, embora afirmemos a providência divina, que é outra crença fundamental, também devemos acreditar nas Sefirot para que os princípios centrais da nossa fé não se contradigam, conforme explicado. Esta é uma das razões pelas quais a crença nas Sefirot é necessária, e este é um argumento convincente derivado da Torá, compreendido por meio da investigação.

Além disso, os comentaristas escreveram inúmeras provas para a necessidade das Sefirot puramente por meio de investigação filosófica, sem depender da Torá. No entanto, como nossa abordagem neste trabalho não é baseada em investigação filosófica, não nos aprofundaremos nessas provas.

Além disso, os dez atributos (Sefirot) e seu mistério são explicados nas Escrituras. Os três primeiros são explicados nas palavras de Jó aos seus amigos, onde ele disse: "Mas onde se encontrará a sabedoria, e onde está o lugar do entendimento?" (Jó 28:12). Este versículo explica a ordem dos três primeiros Sefirot: eles são chamados *Ein* (nada), *Chokhmah* (sabedoria) e *Binah* (entendimento). A primeira Sefirah (*Chokhmah*) é emanada da primeira Sefirah chamada *Ein* , conforme indicado pela frase "A sabedoria é encontrada do nada (*Ein*)". As letras *Alef-Yud* referem-se a *Alef* (Ein) e *Yud* (Chokhmah), e *Zayin-Heh* refere-se a *Binah* , que é emanada de Chokhmah.

As sete Sefirot que se seguem são explicadas nas palavras do Rei Davi: "Teu, ó Senhor, é a grandeza, o poder, a glória, a vitória e a majestade, pois tudo o que há no céu e na terra é Teu. Teu, ó Senhor, é o reino" (1 Crônicas 29:11). A frase "Teu, ó Senhor" alude às três primeiras Sefirot, com *Binah* sendo referida como *Lekh* (a Você), que é igual a 50, correspondendo aos 50 portões do entendimento. A frase *Lekh* e *Kol* (todos) são intercambiáveis, pois as letras são semelhantes.

Yesod (Fundação) é referida como *Kol* quando recebe de Binah, que contém os 50 portões. Isto é como um selo que gira de *Lekh* para *Kol*, representando a reversão do que estava acima para o que está abaixo. Os 50 portões são sugeridos na palavra *Lekh* (para Você) e na palavra *Kol* (todos), porque os portões são 50, correspondendo ao mistério de Binah, que se estende até Hod, as cinco Sefirot, cada uma das quais contém dez, perfazendo um total de 50. Eles são organizados na forma de *Segol*, com Chesed, Gevurah e Tiferet sendo três pontos, e Netzach e Hod sendo dois pontos abaixo deles. Isto forma as letras *Lekh* e *Kol*, simbolizando o selo que gira de cima para baixo. O resto dos assuntos relacionados a esses portões serão explicados no *Portão dos Portões*, se Deus quiser.

Gedulah (grandeza) refere-se a Chesed (bondade), *Gevurah* (poder) refere-se ao medo, *Tiferet* (beleza) refere-se a Tiferet, e *Netzach* (eternidade) e *Hod* (glória) referem-se a Netzach e Hod. A frase "por tudo o que está no céu e na terra" refere-se a Yesod, que é a ponte que conecta o céu (Tiferet) e a terra (Malkhut). Yesod unifica Tiferet (chamado "céu") e Malkhut (chamado "terra").

Malkhut (reino) não é totalmente detalhado no verso, pois ele apenas diz "Teu, ó Senhor, é o reino", porque a posição de Malkhut está acima de Netzach, Hod e Yesod, mas devido à sua diminuição, ela desceu abaixo. Portanto, o verso apenas sugere isso por meio de sua unificação, indicando que seu lugar é no céu. No entanto, foi lançado para a terra, como o verso mais tarde diz, "Teu, ó Senhor, é o reino", indicando que Malkhut tem seu próprio esplendor e beleza. No entanto, ele ainda está unido com sua raiz acima, como o verso conclui: "Teu, ó Senhor, é o reino, Teu é o Binah", como explicado anteriormente. *Yud-Heb-Vav-Heb* se refere a Tiferet, enquanto "o reino" se refere a Malkhut, implicando sua união com seu parceiro. Dois reis são nutridos de uma coroa.

Capítulo 9

Após lidar em capítulos anteriores com a necessidade da existência e número das Sefirot, é apropriado perguntar se alguém que nega a existência das Sefirot deve ser considerado um herege ou não. Dizemos que o erro de uma pessoa em relação a esse assunto pode advir de uma de duas perspectivas.

A primeira perspectiva envolve alguém que é totalmente ignorante das Sefirot — não porque, se os segredos da sabedoria fossem revelados a eles, eles os negariam (Deus me livre), mas porque eles nunca foram expostos a esses ensinamentos ou aos portões da luz. Tal pessoa certamente não deve ser chamada de herege ou negadora. Evidências para isso são encontradas até mesmo em relação à crença na incorporeidade de Deus. O Rambam (Maimônides) afirma no *Sefer HaMada*, *Hilchot Tesbuvah* (Capítulo 3), que alguém que acredita que Deus é um corpo ou tem uma forma física é considerado um herege e é categorizado como um *min* (sectário). No entanto, o Raavad (Rabino Avraham ben David) discordou dele, escrevendo: "E por que ele chamou essa pessoa de herege? Muitas pessoas grandes e boas tinham essa crença por causa do que viam nas Escrituras e por causa de *aggadot* (narrativas) mal interpretadas que enganam as opiniões."

O Raavad argumenta contra categorizar alguém como herege simplesmente por acreditar que Deus tem um corpo, já que algumas grandes pessoas sustentavam essa crença com base em sua interpretação das Escrituras e ensinamentos agádicos. O Raavad certamente não quer sugerir que tal crença esteja correta — de fato, aqueles que atribuem corporeidade a Deus certamente estão enganados. Mas o Raavad argumenta que se uma pessoa adora sinceramente a Deus e segue a Torá com pureza, mas mantém uma crença equivocada na

corporeidade de Deus devido ao seu conhecimento limitado, ela não deve ser rotulada de herege, desde que não pretenda rejeitar a verdade (Deus nos livre).

No entanto, alguém que já reconheceu Deus e que entende os princípios da incorporeidade divina, mas ainda nega a verdade e afirma que Deus tem um corpo — essa pessoa, de acordo com o Rambam e o Raavad, certamente seria considerada um herege. Da mesma forma, em relação às Sefirot, alguém que não tem conhecimento delas, mas acredita em um Deus simples e indivisível sem conhecimento das Sefirot não deve ser rotulado como herege ou como alguém que "corta as mudas" (um termo usado para heresia). Se esse fosse o caso, então, assim que uma pessoa se tornasse capaz de entender as obrigações dos mandamentos, ela também precisaria ser educada sobre a crença nas Sefirot e sua natureza — algo que não encontramos. Pelo contrário, os sábios ensinaram que esses assuntos devem ser mantidos ocultos e são revelados apenas aos justos e humildes. Isso contrasta com as crenças fundamentais sobre a existência de Deus, a unidade, a Torá do céu e a profecia de Moisés, que são ensinadas às crianças assim que elas podem falar. Como a Mishná na *Sucá* (42a) ensina, quando uma criança começa a falar, seu pai deve lhe ensinar a Torá e a oração *do Shemá*. A Gemara explica que a Torá se refere ao versículo "A Torá nos foi ordenada por Moisés" (Deuteronômio 33:4), e o *Shemá* se refere a "Ouve, ó Israel: O Senhor é nosso Deus, o Senhor é um" (Deuteronômio 6:4).

Esses dois versos foram escolhidos porque eles encapsulam a maioria dos princípios fundamentais da Torá. No verso "Ouve, ó Israel", encontramos o conceito da existência de Deus — este é "o Senhor". Ele também implica providência divina, até mesmo providência pessoal, que é o significado de "nosso Deus". Embora a existência de Deus seja necessária para todo o universo, como Ele foi, é e será, e Ele cria todo ser — este é o significado do Tetragrama em sua forma escrita — e embora Ele seja o soberano de todos os mundos, tanto superiores quanto inferiores, como indicado pela maneira como pronunciamos Seu nome como *Adonai* (Senhor), Sua providência é, no entanto, especificamente direcionada a nós, como indicado por "nosso Deus". A frase "o Senhor é um" reforça o princípio da unidade divina.

A Gemara em *Berakhot* (13b) explica que se deve focar na palavra "um", entendendo que significa que Deus governa os céus e a terra, bem como as quatro direções. Este ensinamento também implica que Deus é incorpóreo, uma vez que um ser físico não pode existir em vários lugares ao mesmo tempo. A palavra "um" também implica que a unicidade de Deus não é como outras unicidades, como explicaremos em *Gate of Essence and Vessels*, capítulo 5. No versículo "A Torá nos foi ordenada por Moisés", encontramos o princípio da Torá do céu, profecia e o nível único de profecia de Moisés, bem como recompensa e punição, conforme expresso pela frase "uma herança para a congregação de Jacó". Isso significa que Deus, por Seu amor por Israel, deu-lhes a Torá.

Os sábios selecionaram esses dois versos porque quando uma criança cresce, ela começa a refletir sobre seu significado e pergunta a seus pais sobre seu significado, e eles gradualmente a apresentam aos princípios básicos da Torá conforme ela se torna capaz de entendê-los. Essa é a abordagem adotada com os princípios fundamentais da fé. No entanto, em contraste, o segredo das Sefirot superiores é oculto da maioria das pessoas e só é revelado a indivíduos justos selecionados. A partir disso, vemos que alguém que não entende o conceito das Sefirot não deve ser considerado um herege ou alguém que "corta as mudas". Em vez disso, podemos dizer de tal pessoa que ela não mereceu ver as "luzes" da sabedoria, nem provou a doçura das profundezas e da beleza da Torá. Tal pessoa, embora espiritualmente pobre, não é um herege.

A segunda perspectiva envolve aqueles que foram expostos aos ensinamentos sobre as Sefirot e sua existência, mas os negam por causa de suas tendências negativas, tendo sido influenciados por filosofias estrangeiras e sabedoria não judaica. Mesmo que tais pessoas não sejam hereges no sentido de negar os princípios básicos da divindade, elas ainda são consideradas hereges porque negam as explicações da Torá Oral. Como o Rambam escreve, uma das três categorias de hereges inclui alguém que nega uma interpretação da Torá Oral. Além disso, esses indivíduos negam os ensinamentos dos sábios e pioram seu erro ao rejeitar as Sefirot, o que os leva a negar a providência divina. Eles serão inevitavelmente levados a negar a providência porque argumentarão que, uma vez que o Um é simples e sem mudança, Ele não pode supervisionar o mundo da mudança. Além disso, eles questionarão como um Deus único e unificado pode supervisionar a multiplicidade de espécies, o que implicaria divisão, como é sabido.

Assim, eles serão forçados a acreditar nas Sefirot para manter sua crença na providência. Caso contrário, eles cairão em heresia, assim como muitos erraram ao negar a providência individual e manter outras crenças equivocadas, que não precisamos elaborar aqui. Consequentemente, devemos insistir que eles acreditem nas Sefirot; caso contrário, eles devem ser considerados hereges. Além disso, se alguém alega que não tem interesse na Cabala e pretende apenas orar ao Criador das luzes (ou seja, a Deus sem referência às Sefirot), como muitos pensaram, eles certamente estão enganados. Se uma pessoa busca falar de Deus como um Ser simples e indivisível em relação à Sua existência, sem entender Sua relação com as Sefirot, ela acabará negando Suas ações completamente.

O Infinito (Ein Sof), em Sua essência, é simples e além da mudança — Ele não se move do julgamento para a misericórdia ou responde à oração mudando Sua vontade, a menos que consideremos Sua relação com as Sefirot, que são os instrumentos de Sua providência. Por meio das Sefirot, ocorrem mudanças entre julgamento e misericórdia. Que o leitor não se aprofunde apressadamente nessas questões, pois isso pode levar a danos em vez de benefícios. Explicaremos esse tópico em detalhes em *Gate of Essence and Vessels*, com a ajuda de Deus.

Concluindo, a crença nas Sefirot é necessária para entender adequadamente os princípios fundamentais da fé, pois os ensinamentos da Torá só podem ser mantidos por meio das Sefirot, que são os meios pelos quais o Emanador realiza mudanças sem ser afetado por elas, conforme explicado em profundidade no portão acima mencionado. Que Deus nos perdoe.

Capítulo 10

Após discutir as Sefirot, sua necessidade e seu entendimento entre os sábios, devemos agora explorar sua natureza e os nomes acordados pelos comentaristas, particularmente de acordo com o Rabino Shimon bar Yochai, de abençoada memória. Estes são os seguintes: o primeiro é *Keter* (Coroa), o segundo é *Chokhmah* (Sabedoria), o terceiro é *Binah* (Entendimento), o quarto é *Gedulah* ou *Chesed* (Grandeza ou Bondade), o quinto é *Pachad* ou *Gevurah* (Medo ou Força), o sexto é *Tiferet* (Beleza), o sétimo é *Netzach* (Eternidade), o oitavo é *Hod* (Glória), o nono é *Yesod* (Fundação) e o décimo é *Malchut* (Reinado).

Essas dez Sefirot correspondem a dez nomes divinos que não devem ser apagados, e os nomes e as Sefirot são considerados os mesmos porque a essência espiritual dos nomes é idêntica às próprias Sefirot. O *Keter* corresponde ao nome *Ehyeh*, que aparece na Torá três vezes em um único versículo: "E Deus disse a Moisés, 'Ehyeh Asher Ehyeh' (Eu serei o

que serei), e Ele disse, 'Assim dirás aos filhos de Israel: Ehyeh me enviou a vocês'" (Êxodo 3:14). O raciocínio por trás do porquê esse nome não aparece em nenhum outro lugar da Torá, junto com outras incertezas sobre este tópico, será explicado no *Portão dos Nomes*, se Deus quiser.

O nome para *Chokhmah* é *Yah* (יָה), que aparece frequentemente na Torá, nos Profetas e nos Escritos. Na Torá, é encontrado em versos como "O Senhor é minha força e meu cântico, e Ele se tornou minha salvação, Yah" (Êxodo 15:2), e "Pois a mão está sobre o trono de Yah" (Êxodo 17:16). Nos Profetas, aparece em "Yah, Yah é visto na terra dos viventes" (Isaías 38:11), e nos Escritos, em "Da minha angústia clamei a Yah; Yah me respondeu e me libertou" (Salmos 118:5), e muitos exemplos semelhantes.

O nome para *Binah* é o nome de quatro letras *YHVH* (יהוה) vocalizado como *Elokim*. Este nome também aparece frequentemente na Torá, Profetas e Escritos. Na Torá, um exemplo é "Adonai YHVH, por que saberei que a herdarei?" (Gênesis 15:8), e muitos outros. Nos Profetas, "Adonai YHVH é minha força, e Ele fará meus pés como os pés das cervas" (Habacuque 3:19), e nos Escritos, "Eu virei na força de Adonai YHVH; farei menção de Tua justiça, Tua somente" (Salmos 71:16), e muitos outros.

O nome para *Chesed* é *El* (אֱלֹהִים), que aparece frequentemente na Torá, Profetas e Escritos. Na Torá: "Ele o chamou de El, o Deus de Israel" (Gênesis 33:20). Nos Profetas: "El Elohim YHVH, Ele sabe" (Josué 22:22). Nos Escritos: "O Deus (El) cujo caminho é perfeito" (Salmos 18:31), e muitos outros.

O nome para *Gevurah* é *Elokim*. Este nome também é frequentemente encontrado na Torá, Profetas e Escritos. Na Torá: "E Elokim testou Abraão" (Gênesis 22:1). Nos Profetas: "E um grande medo de Elokim caiu sobre o povo" (1 Samuel 14:15). Nos Escritos: "Levante-te, ó Elokim, julga a terra" (Salmos 82:8), e muitos outros.

O nome para *Tiferet* é *YHVH*, o Tetragrama, que tem várias formas de abreviação (*YHVH* como *Keh*, *Shav*, *Mah*). Na Torá: "E YHVH disse," ou "E YHVH falou" (Gênesis 4:9), e muitos outros. Nos Profetas: "Assim disse YHVH," e versos semelhantes. Nos Escritos: "YHVH me disse, 'Tu és meu filho'" (Salmos 2:7), e muitos outros.

O nome para *Netzach* não aparece por si só, mas é pareado com *Hod* sob o nome *Tzevaot* (Hosts). Este nome não aparece na Torá, mas é encontrado extensivamente nos Profetas, como em: "Assim diz YHVH Tzevaot," e muitos versos semelhantes.

Para *Yesod*, os comentaristas concordam que seu nome único é *El Chai* (Deus Vivo). No entanto, é problemático porque *El Chai* não é considerado um dos nomes que não podem ser apagados. No *Tratado Shenuot* (35a), *Chai* (vida) não é listado como um dos nomes sagrados, mas apenas *El*. O nome *El*, que é sagrado, é associado a *Chesed* por meio de atribuição, conforme explicado em várias interpretações. O rabino Abba no Zohar (Parashat Vayikra, 11a) disse: "O sexto e o sétimo são chamados *Tzevaot*, o oitavo é *El Chai*, como está escrito: 'Pois ali YHVH ordenou a bênção, a vida para sempre' (Salmos 133:3). Isso se refere ao *Tzaddik* (justo, *Yesod*) de quem toda a vida flui."

A razão pela qual o Rabino Abba contou *Netzach* e *Hod* como o sexto e o sétimo (embora sejam o sétimo e o oitavo) é que ele começou sua contagem de *Yah*, que corresponde a *Chokhmah*, conforme explicado no texto. Ele explica que *Yesod* é chamado *El Chai* porque é a fonte da vida, embora a essência da vida esteja mais acima em *Chokhmah* e *Binah*, como

está escrito: "A sabedoria dá vida àqueles que a têm" (Eclesiastes 7:12), como será explicado no *Portão dos Nomes*, se Deus quiser. Portanto, *Yesod* é chamado *El Chai* porque é a fonte da vida em relação ao mundo abaixo, e é por isso que o Rabino Abba usa o termo "dela flui a vida". Assim, o Rabino Abba explica que o nome de *Yesod* é *El Chai*.

O rabino Elazar, no entanto, discorda (Zohar 72b) e argumenta que *Yesod* é chamado *Shaddai* (Todo-Poderoso). Ele diz: "O nono é *Shaddai*, que diz ao mundo 'Basta' (Morra), porque a satisfação vem somente através do *Tzaddik*, que é a fundação do mundo." O rabino Elazar questionou como o nome *Shaddai*, que significa "bastante", poderia ser associado a *Yesod*, dado que isso se refere a limitar a expansão do mundo — um papel aparentemente mais adequado a *Malchut*, o "arquiteto" da criação. Ele conclui que *Shaddai* se refere à satisfação e sustento fornecidos por *Yesod*, pois é o canal de nutrição para o mundo.

Portanto, enquanto o Rabino Abba associa *Yesod* a *El Chai*, o Rabino Elazar o conecta a *Shaddai*. Não negamos que *El Chai* esteja associado a *Yesod*, mas não é um nome sagrado como os outros nomes divinos que não devem ser apagados. Em vez disso, é um nome descritivo, como é visto no versículo: "Meu coração e minha carne cantam de alegria ao Deus vivo" (Salmos 84:3). O nome *Shaddai* é encontrado na Torá: "El Shaddai te abençoe, e te faça frutífero e numeroso" (Gênesis 28:3), bem como: "Como a voz de Shaddai quando eles andavam" (Ezequiel 1:24) e "Que Shaddai esteja com você em tempos de angústia" (Jó 5:17).

O nome de *Malchut* é *Adonai*. Isso aparece na Torá, nos Profetas e nos Escritos. Na Torá: "E agora, que o poder de Adonai seja grande" (Números 14:17), e muitos outros. Nos Profetas: "Adonai enviou uma palavra a Jacó" (Isaías 9:7). Nos Escritos: "Adonai, abre meus lábios" (Salmos 51:17). A tradição massorética conta 134 ocorrências desse nome nas Escrituras. A razão para esse número é explicada pelo comentarista *Hizkuni*, que observa que ele corresponde às iniciais das quatro direções — Leste, Oeste e Sul — sugerindo que essas três direções são fechadas pelo nome de Deus, enquanto o Norte permanece aberto para a punição dos perversos. No futuro, Deus também o fechará.

Esses dez nomes mencionados acima são os vasos para a essência espiritual das Sefirot, e essa essência espiritual é revestida na espiritualidade mais íntima simbolizada pelo nome divino de quatro letras (YHWH) dentro de cada Sefirah. Este e outros assuntos sobre esses nomes e a essência das Sefirot serão explicados nos portões vindouros, se Deus quiser, cada um em seu lugar apropriado.

Assim, esta seção é concluída. Graças a Deus, que nos ajudou até aqui — que Ele continue a nos ajudar, Amém.

Portão 2

Capítulo 1

A razão pela qual há dez e não mais

Depois de discutir a necessidade do conceito de "Emanação" no portal anterior e estabelecer que é consenso entre os cabalistas que existem dez, nem menos, nem mais, e

tendo delineado sua natureza e nomes, agora pretendemos, neste portal, explicar a razão pela qual existem dez, e considerar toda a questão da Emanação como um todo, com a ajuda do Céu.

Ao mergulhar nas profundezas edênicas dos livros dos sábios sobre essa sabedoria, descobrimos que o sábio Rabino Yehuda Hayati em seu livro *Minchat Yehuda* (Folha 49b) escreveu uma razão para os dez, citando Rabino Azriel e oferecendo sua própria resposta. Aqui está a explicação do Rabino Azriel:

"Saiba que cada ponto vem com três dimensões: comprimento, largura e profundidade. Quando você multiplica isso entre si de forma numérica ao quadrado, três vezes três dá nove, e com o espaço que os contém, eles se tornam dez." Estas são as palavras do Rabino Azriel de abençoada memória.

O Rabino Yehuda se opôs a isso, afirmando: "Não acho essa explicação satisfatória por duas razões. Primeiro, a premissa não é verdadeira, pois as dimensões mencionadas se aplicam a coisas com quantidade, e um ponto não tem quantidade, pois é o fim de uma linha. Segundo, como poderia ser agradável a Deus que dimensões que definem a fisicalidade sejam atribuídas à Emanação? Certamente, a fisicalidade não tem lugar na Divindade." Estas são suas palavras.

Como as objeções do Rabino Yehuda são um tanto obscuras, especialmente sua primeira crítica a respeito da declaração de que um ponto não tem quantidade, etc., esclareceremos sua intenção. A questão é a seguinte: Todo objeto físico tem comprimento, largura e profundidade. Não há nada físico no mundo que não tenha essas três dimensões, pois elas definem a fisicalidade. Se imaginarmos duas dessas dimensões, comprimento e largura, sem profundidade, teríamos uma superfície, que se refere a algo como a cor espalhada sobre a superfície do papel, onde comprimento e largura estão presentes, mas a profundidade está ausente — portanto, é chamada de superfície.

Se imaginarmos apenas uma dimensão, comprimento, sem largura ou profundidade, ela seria chamada de linha — especificamente, uma linha de comprimento desprovida de largura e certamente de profundidade. Finalmente, se imaginarmos a negação de todas as três dimensões da fisicalidade, isso seria chamado de ponto. Isso significa que um ponto não tem comprimento, largura ou profundidade. Não que ele possa existir na realidade, mas é um ponto conceitual, uma representação da negação de dimensões físicas, não algo que existe na realidade.

Com esse entendimento, podemos compreender a crítica do Rabino Yehuda ao Rabino Azriel: As palavras do Rabino Azriel são contraditórias porque ele afirmou que um ponto vem com três dimensões, o que é impossível, pois um ponto não tem comprimento, largura e profundidade, sendo apenas o fim de uma linha, como explicamos. Assim, um ponto não pode ter dimensões. Além disso, a afirmação de que um ponto é o fim de uma linha não é universalmente aceita entre os geômetras. Alguns dizem que vários pontos podem formar uma linha, enquanto outros argumentam que mesmo se todos os pontos do mundo fossem combinados, eles nunca poderiam formar uma linha, já que um ponto não tem comprimento e, portanto, não pode produzir comprimento. Essa questão, no entanto, não é central para nossa discussão.

O Rabino Yehuda, tendo apresentado suas duas críticas à explicação do Rabino Azriel, ofereceu uma interpretação numérica alternativa em defesa do Rabino Azriel. No entanto,

como essa interpretação não é apropriada nem convincente, não a reproduziremos aqui. Em vez disso, forneceremos nossa própria defesa da posição do Rabino Azriel. Reconhecemos que a Emissão não é física nem material; no entanto, a fisicalidade e a materialidade emanam dela. Como os cabalistas acreditavam, os quatro elementos fundamentais — água, fogo, ar e terra — são mencionados nas Sefirot. A bondade corresponde ao elemento água, a Força ao fogo, a Beleza ao ar e a Realidade à terra. Não porque esses sejam literalmente os elementos, Deus nos livre, mas porque são as raízes dos elementos, dos quais os próprios elementos foram criados.

Da mesma forma, o mesmo se aplica às dimensões da fisicalidade. Não é que haja fisicalidade real acima, nem que as dimensões da fisicalidade se apliquem às Sefirot. Em vez disso, porque a fisicalidade foi criada a partir delas e elas são suas raízes, é metaforicamente apropriado falar das dimensões da fisicalidade em referência às suas raízes. Assim, é válido falar de comprimento, largura e profundidade acima, referindo-se aos poderes dos quais essas dimensões surgem. Cada um dos três poderes produz três ações diferentes, resultando em nove manifestações. A força que os traz à existência é o décimo poder. Assim, somos compelidos a reconhecer dez poderes acima, que são as dez Sefirot — não que a ideia do Rabino Azriel implique fisicalidade real acima, Deus nos livre.

Acreditamos também que o Rabino Azriel estava correto ao comparar a Emissão às dimensões da fisicalidade, pois essa comparação tem precedentes. Por exemplo, o *Sefer Yetzirah* (Livro da Criação) emprega esse mesmo método quando fala da profundidade da altura, da profundidade de baixo, da altura, de baixo, leste, oeste, sul e norte, que são as dimensões da fisicalidade. No entanto, o *Sefer Yetzirah* não se absteve de empregar essa analogia mesmo ao discutir a Divindade porque essas são metáforas e analogias usadas no discurso.

Em relação à segunda objeção, de que o ponto não tem quantidade, esta não é uma crítica válida, pois não há ponto sem limites. E embora tenhamos afirmado anteriormente que um ponto não tem quantidade, isso se refere apenas a um ponto conceitual, que não existe na realidade. Um ponto real, no entanto, tem dimensões. Portanto, a objeção é infundada. Além disso, uma vez que a Emissão não é física nem material, ela é referida como um ponto para indicar que a Emissão é a raiz da fisicalidade e suas dimensões. Além disso, a Emissão é chamada de ponto para transmitir que, assim como um ponto é indivisível, a Emissão também é indivisível. Mesmo que possamos falar de partes dentro dela, estas são meramente metafóricas.

Capítulo 2

O rabino Yehuda escreveu outra razão e afirmou que ela é mais satisfatória do que a explicação do rabino Azriel, que citamos no capítulo anterior. Ele escreveu:

“O número abrangente é dez, e não há nenhum outro além dele. Isso ocorre porque qualquer coisa além de dez reverte para as unidades — seja em termos das unidades, como onze, doze ou treze, ou em termos das dezenas, como vinte, trinta ou quarenta, que são meramente múltiplos das dezenas. Como a Emissão se enquadra na categoria dos números, é adequado que ela se alinhe com o número mais abrangente entre os números.” Estas são suas palavras.

O que ele quis dizer com "já que a Emanação se enquadra na categoria dos números" é que é necessário que as Sefirot tenham qualidades numéricas para que os seres criados possuam limites numéricos, como explicamos anteriormente.

A questão que surge é: O que faz com que o número abrangente seja dez, e não vinte ou cem? Por que os níveis além de vinte retornam aos números originais? Responderíamos que a razão pela qual as Sefirot são dez é que se fossem vinte, o número também seria vinte. E isso é certamente verdade. Esta é uma explicação mais satisfatória e aceitável — que as Sefirot são a causa primária, e o número é secundário, em vez do inverso, onde o número é dez sem razão e, portanto, serve como a causa para a Emanação ser numerada como dez. Além disso, as Sefirot são a causa primordial para todos os seres criados, e são a causa de tudo o que emana delas e para baixo. Então, como um número subsequente poderia ser a causa das Sefirot anteriores? Este é certamente um argumento forçado.

Embora refutemos essas respostas como explicações para a Emanação, não negamos a verdade de que números e Emanação têm um grande relacionamento, pois o número dez progride de uma dezena para a próxima indefinidamente, nunca excedendo dez. Isso também é verdade para as Sefirot. Além disso, os números ascendem por múltiplos de dez: de dez a cem, e de cem a mil. O número mil é representado pela letra *Aleph*, que simboliza o retorno à unidade completa, assim como as Sefirot retornam à unidade. Dez vezes dez é igual a cem, e multiplicar isso novamente resulta em mil, representado por *Aleph* no sentido místico, onde tudo retorna à sua fonte em unidade. Este conceito é fundamental para muitos princípios essenciais da Torá, como elaboramos no Portão das Combinações, com a ajuda do Céu.

Também reconhecemos a verdade na ideia de que a Emanação é estruturada em três sobre três, com uma força unificadora. Isso significa que há três aspectos — Bondade, Julgamento e Misericórdia — com cada um deles contendo três aspectos adicionais. Na Bondade, há Sabedoria como a cabeça, Bondade como o meio e Eternidade como o fim. Da mesma forma, no Julgamento, há Entendimento como a cabeça, Força como o meio e Glória como o fim. Na Misericórdia, há Beleza como a cabeça, Fundação como o meio e Realeza como o fim. A Coroa mais alta inclui tudo, como explicaremos em maiores detalhes no Portão da Essência e Conduta no Capítulo 25, com a ajuda do Céu. Este é um assunto profundo, e elaboraremos mais sobre ele lá. No entanto, sustentamos que essas explicações não explicam totalmente a razão por trás da Emanação, como já afirmamos.

O rabino Menachem Recanati, de abençoada memória, também escreveu uma explicação sobre as sete Sefirot de construção, uma por uma, em seu livro sobre as razões para os mandamentos, na seção sobre a discussão de Essência e Vasos. O rabino Yehuda Hayati, de abençoada memória, citou suas palavras, e agora explicaremos por que o mundo requer esses sete aspectos, que correspondem a Bondade, Força, Beleza, Eternidade, Glória, Fundação e Realeza.

O primeiro aspecto da construção é a Bondade, pois nenhuma construção pode existir sem ela. Isso significa que por meio desse atributo, o Santo, bendito seja Ele, perdoa os pecados de Israel. No *Sefer Yetzirah*, esse atributo é chamado de aquele que “clareia os pecados de Israel”, perdoados aqueles que surgem do aspecto da Força, de onde a inclinação ao mal deriva seu poder. Esta Sefirah é emanada do Entendimento, que está acima dela. No entanto, as três primeiras Sefirot — Coroa, Sabedoria e Entendimento — são intelectuais e não são consideradas atributos, então não as estamos discutindo neste momento. Este ato de Bondade é um grande ato pelo qual o Santo, bendito seja Ele, trata Suas criações, pois

Ele as perdoa, um pecado após o outro, e se reconcilia com elas, embora a justiça estrita não exija isso. Portanto, o mundo não pode existir sem este pilar da Bondade.

No *Sefir HaBahir*, encontrei o seguinte: "O atributo da Bondade disse: 'Enquanto Abraão estava no mundo, eu não precisava executar minha tarefa, pois Abraão estava em meu lugar e cumpriu meu papel. Ele fez meu trabalho, pois justificou o mundo mesmo quando ele era culpado. Além disso, ele os inspirou a retornar à vontade de seu Pai no Céu. Abraão fez tudo isso.'"

O mundo também requer o segundo pilar, que é o Julgamento, o oposto do primeiro atributo mencionado. Sem este pilar, os perversos nunca seriam punidos, e todos roubariam e assassinariam seus semelhantes sem consequências. Portanto, o mundo deve ser governado por este pilar para exigir retribuição dos perversos. Esta Sefirah é emanada da Bondade, que mencionamos anteriormente, e é chamada de "fogo da água". Assim como o fogo é o oposto da água, também as ações deste atributo são o oposto daquelas da Bondade. Estes dois são chamados de "braços do mundo", como está escrito: "E por baixo estão os braços eternos" (Deuteronômio 33:27).

O mundo também precisa de um terceiro pilar, que é a Beleza, o atributo do meio, que equilibra e media entre os dois. O mundo requer esse atributo porque os dois primeiros atributos sozinhos são insuficientes. Se alguém fosse julgado somente pelo Julgamento, que opera sem misericórdia, o julgamento seria severo e poderia até punir os justos inteiramente. Por outro lado, se alguém fosse julgado somente pela Bondade, seus poucos pecados não seriam considerados, mesmo neste mundo. Portanto, o mundo requer um atributo do meio, como alguém que une duas coisas, para dar a cada pessoa o que ela merece, de acordo com suas ações. Por exemplo, se os justos pecam, eles são punidos neste mundo, e se os perversos realizam boas ações, eles são recompensados neste mundo. Este atributo é chamado de Leste, de onde a luz se espalha para o mundo, e a esfera do sol corresponde a ele porque a luz do dia flui dele.

O mundo também requer o quarto e o quinto pilares, que são a Eternidade e a Glória. Eles são emanados da Bondade e do Julgamento, como está escrito: "Os prazeres estão na Tua mão direita para sempre" (Salmos 16:11), significando que a Eternidade está alinhada com a direita, abaixo da Bondade, enquanto a Glória está alinhada com a esquerda, abaixo do Julgamento. A eternidade significa vitória, significando que por meio desse atributo, a Bondade e o mérito superam os acusadores. Portanto, é preciso agradecer a Deus, e é por isso que a Glória está relacionada à ação de graças, reconhecendo que sem a ajuda de Deus, uma pessoa não poderia ficar diante de Satanás.

O mundo também requer o sexto e o sétimo pilares, que são Fundação e Realeza, correspondendo ao masculino e ao feminino. Tudo flui para a Realeza, que também é chamada de Shekhinah, a Assembleia de Israel, onde todas as Sefirot habitam. Já explicamos isso acima. Assim, os Sábios de abençoada memória chamavam a Realeza de "noiva", e em *Shir HaShirim* (Cântico dos Cânticos), ela é referida como a noiva porque inclui tudo. Ela está alinhada com o Ocidente, como os Sábios disseram, "A Shekhinah está no Ocidente", porque tudo converge para lá.

Embora a maior parte do que foi dito esteja correto, essas explicações não são suficientes para explicar a Emissão. Já que Julgamento e punição, Bondade e recompensa, são encontrados nos dois atributos de Bondade e Força, e Beleza serve como atributo mediador, por que precisamos das outras Sefirot? Por que o triunfo sobre o acusador e a

inclinação ao mal não poderia ser alcançado através da Força, como de fato o Rabino Shimon Bar Yochai de abençoada memória explicou, que superar a inclinação de alguém é através da Força? Nós elaboraremos sobre isso no Capítulo 3 do Portão da Essência e Conduta. Similarmente, Glória (Hod) não funciona como um atributo ativo, de acordo com a explicação dada, mas sim representa a pessoa dando graças a Deus. Nós realmente precisamos emanar uma Sefirah inteira apenas para que os humanos possam dar graças a Deus? Eu me pergunto sobre isso.

Além disso, por que precisamos de Fundação e Realeza? Já que Bondade e Julgamento são unificados pelo meio, qual a necessidade de distinções entre masculino e feminino ou de qualquer outra combinação? As forças já estão unificadas pelo meio. Além disso, essa abordagem não fornece uma razão para a existência das três primeiras Sefirot, como o próprio Rabino Menachem reconheceu.

Além disso, seria um sacrilégio sugerir que o poder do Todo-Poderoso era insuficiente para emanar uma única Emanação, ou seja, uma Sefirah, contendo o poder de punição, recompensa e mediação. A resposta não está na frase da Mishná, "Com dez declarações, o mundo foi criado; não poderia ter sido criado com uma declaração?" (Avot 5:1). Pelo contrário, a intenção da Mishná é o oposto do que o Rabino Menachem afirmou. Embora a criação do mundo envolva processos distintos indicando Julgamento, Misericórdia e mediação, ele poderia ter sido criado com uma declaração, ou seja, por meio de uma Sefirah, implicando que nada impede o Todo-Poderoso de encapsular o poder de todas as dez Sefirot em uma única Sefirah. Esta é a intenção por trás da declaração, "Não poderia ter sido criado com uma declaração?" referindo-se ao estado atual da criação.

Portanto, essa explicação não satisfaz nosso desejo nem sacia nossa sede.

Capítulo 3

Depois de termos escrito nos capítulos anteriores todas as razões fornecidas pelos comentaristas, sejam muitos ou poucos, e de tê-las analisado criticamente de acordo com a orientação que recebemos do Céu, pretendemos agora apresentar nosso próprio entendimento sobre este assunto, com base nos insights que alcançamos.

Antes de tudo, devemos dizer que, embora vejamos grandes explicações, não encontramos nenhuma refutação definitiva. Esta questão essencialmente se resume a uma de duas abordagens: ou a questão é direcionada a nós, perguntando como sabemos que há dez Sefirot e não outro número (por exemplo, vinte ou cinco ou um), ou a questão é endereçada ao Emanador, o Infinito, bendito seja Ele, perguntando por que Ele emanou dez e não algum outro número.

Para cada uma dessas abordagens, oferecemos uma resposta. Se a pergunta for direcionada a nós, ou seja, como encontramos suporte para o ensinamento cabalístico de que há dez Sefirot, em oposição a vinte ou cinco ou apenas uma, então essa pergunta não é uma dificuldade real. Há muitas fontes na Torá de Moisés que revelam e iluminam os mistérios ocultos relacionados a esse assunto. Seja a criação do mundo por meio das Dez Declarações, ou a entrega da Torá por meio dos Dez Mandamentos, ou as dez formas de louvor do Rei Davi no salmo "Louvai a Deus em Seu santuário", com o qual ele concluiu seu livro — tudo isso mostra o significado do número dez.

Este assunto é explicado mais detalhadamente no Talmud, em *Rosh Hashanah* (32a), onde diz: "Por que há dez [menções de] realza nas orações? O rabino disse: Elas correspondem aos dez louvores que Davi disse no Livro dos Salmos." O Talmud então pergunta: "Mas há muito mais louvores nos Salmos!" O rabino respondeu: "Ele se refere aos louvores que incluem a frase 'Louvai-o com o som do shofar.'" Rav Yosef disse: "Eles correspondem aos Dez Mandamentos que foram dados a Moisés no Sinai." Rabi Yochanan disse: "Eles correspondem às Dez Declarações com as quais o mundo foi criado." O Talmud então pergunta: "Mas há apenas nove declarações!" Ao que Rabi Yochanan responde: "A palavra *Bereishit* (No princípio) também é um comando, como está escrito: 'Pela palavra de Deus, os céus foram feitos.'"

Esta explicação, no entanto, parece problemática, especialmente em relação à interpretação do Rabino Yochanan de que *Bereishit* também é um mandamento. Está implícito que o termo *Bereishit* se refere à sabedoria (como é frequentemente chamado de "o começo"), e a letra *Bet* em *Bereishit* se refere a ela também. Assim, embora *Bereishit* seja considerado um comando, ainda haveria apenas nove declarações. Se for esse o caso, por que o questionador não questionou por que a Sabedoria (Chokhmah) não é contada, resultando em oito declarações em vez de nove? E se a pergunta era sobre se a Coroa (Keter) está incluída na contagem, por que a resposta foi satisfatória quando *Bereishit* foi adicionada? Deveria ter sido contestada ainda mais, já que mesmo com *Bereishit*, ainda haveria apenas nove declarações, pois *Bereishit* corresponde à Sabedoria.

Esta é uma questão geral sobre as Dez Declarações, e disto também podemos derivar apoio para a opinião do Rabino Shem Tov ben Shem Tov, autor do *Sefer HaEmunot* (Livro das Crenças), que citaremos no Portão de se o Infinito é Keter, no Capítulo 3. Ele sustentava a visão de que Keter não é contado entre as Sefirot, e as dez Sefirot começam da Sabedoria e para baixo. Como ele foi pressionado a manter o número dez, ele introduziu uma Sefirah adicional chamada Da'at (Conhecimento), posicionada entre Chokhmah (Sabedoria) e Binah (Entendimento), e acima de Chesed (Bondade) e Gevurah (Severidade). Elaboraremos este tópico na seção apropriada.

De acordo com sua explicação, as Dez Declarações começam com a Sabedoria. Mesmo assim, sem contar *Bereishit*, teríamos apenas nove, e com *Bereishit*, teríamos dez. No entanto, essa conclusão leva a contradições que surgem da declaração do Talmud. Antes de levantar mais objeções e esclarecer esse conceito, é necessário resolver essa questão. Afirmamos que esse assunto é impossível porque o próprio Rabino Shem Tov admitiu que Da'at é mencionado no versículo "Por Seu conhecimento, as profundezas foram quebradas" (Provérbios 3:20), e os Sábios disseram que o mundo foi criado por meio de três coisas: Sabedoria, Entendimento e Conhecimento. Assim, fica claro pelos ensinamentos do Rabino Shimon bar Yochai que Da'at representa o aspecto oculto de Tiferet, que media entre Chokhmah e Binah. Isto é o que é chamado de "Filho de Yud-Heh" (Ben Yod-Heh), que une Chokhmah e Binah, como discutiremos com mais detalhes na seção relevante.

Dado esse entendimento, devemos perguntar: Por que Da'at, que representa o aspecto oculto de Tiferet, opera como uma declaração distinta enquanto outros aspectos das Sefirot, como os aspectos ocultos de Binah em Chokhmah, não? Por que Da'at deveria gerar uma declaração separada quando as outras Sefirot ocultas não o fizeram, apesar de sua existência anterior? Por exemplo, por que Binah, oculta dentro de Chokhmah, não gerou uma declaração separada, assim como Da'at e Tiferet fizeram?